Katherine Applegate

Medalha Newbery Honor
MELHOR LIVRO INFANTIL DE 2013
O gorila mais legal do mundo

O GRANDE Ivan

Best-seller #1 do The New York Times



#irado

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Sumário

Capa

Sumário

Folha de Rosto

Folha de Créditos

Dedicatória

Epígrafe

Glossário

Olá

Nomes

Paciência

Minha aparência

Saída 8: Grande Shopping e Fliperama

O Menor Maior Espetáculo da Terra

Ir Embora

Artistas

Formas em nuvens

Imaginação

O gorila mais solitário do mundo

TV

O show da natureza

Stella

A tromba de Stella

Um plano

Bob

Selvagem

Picasso

Três visitantes

Meus visitantes retornam

Sinto muito

Júlia

Desenhando Bob

Bob e Júlia

Mack

Sem sono

O besouro

Mudança

Imaginando

Jambo

Sorte

Chegada

Stella ajuda

Ficou para trás

Truques

Apresentações

Stella e Ruby

Casa do Grande Ivan

Aula de educação artística

Agradinho

Piadas de elefantes

Filhos

O estacionamento

A história de Ruby

Um sucesso

Preocupação

A promessa

Eu sei

Cinco homens

Conforto

Lágrimas

O Grande Ivan

Era uma vez

O Urro

Barro

Protetor

Uma vida perfeita

O fim

Videira

O humano temporário

Fome

Natureza morta

Castigo

Bebês

Camas

Meu lugar

9.876 dias

Uma visita

Recomeçar

Pobre Mack

Cores

Um pesadelo

A história

Como

Lembranças

O que eles fizeram

Mais uma coisa para comprar

Outro Ivan

Dias

Noites

Projeto

Não está certo

Indo a lugar nenhum

Caras malvados

A propaganda

Imaginando

Não Pega

Mais uma coisa

O show das sete horas

Doze

C

Nervoso

Expondo para Júlia

Mais pinturas

Bater no peito

Furioso

Peças do quebra-cabeça

Finalmente

A manhã seguinte

Humano nervoso

Telefonema

Uma estrela outra vez

O Macaco Artista

Entrevista

O noticiário da manhã

Placas presas a cabos de madeira

Manifestantes

Anotações

Libertem Ruby

Caixa nova

Adestramento

Cutucando e apalpando

Sem pintar

Mais caixas

Adeus

Clique

Uma ideia

Respeito

Foto

Indo embora

Bom garoto

Mudança

Acordando

Saudade

Alimentação

Nada famoso

Alguma coisa no ar

Uma nova TV

A família

Animado

O que eu vejo?

Ainda ali

Observando

Ela

Porta

Pensando

Pronto

Ao ar livre, finalmente

Ops!

Como foi

Fingindo

Cama

Mais TV

Pega-pega

Romance

Mais sobre romance

Higiene

Conversa

O topo da colina

O muro

Em segurança

O gorila das costas cinza-prateadas

Nota da autora

Agradecimentos

Katherine Applegate

O Grande Ivan

Tradução
Maurício Tamboni

Ilustrações
Patricia Castelao

#irado

Copyright © 2012 by Katherine Applegate
Copyright Ilustrações © 2012 by Patricia Castelao
Publicado sob acordo com HarperCollins Children's Books,
uma divisão de HarperCollins Publishers
Copyright © 2014 Editora Novo Conceito
Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, ou qualquer outro tipo de sistema de armazenamento e transmissão de informação sem autorização por escrito da Editora.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produto da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Versão digital — 2014

Produção editorial:
Equipe Novo Conceito
Arte da capa: ©Patricia Castelao
Design da capa: ©Sarah Hoy

Este livro segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Applegate, Katherine

O grande Ivan / Katherine Applegate ; tradução Maurício Tamboni. -- 1. ed. -- Ribeirão Preto, SP : Novo Conceito Editora, 2014.

Título original: The one and only Ivan.

ISBN XXX-XX-XXXX-XXX-X

1. Ficção norte-americana I. Título.

14-08694 | CDD-813

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

#irado

Rua Dr. Hugo Fortes, 1885 — Parque Industrial Lagoinha

14095-260 — Ribeirão Preto — SP

www.grupoeditorialnovoconceito.com.br

Para Julia

“Nunca é tarde demais para se tornar
o que você poderia ter sido.”

George Eliot

Glossário

9.885 dias (exemplo): embora os gorilas na selva geralmente meçam a passagem do tempo com base nas estações do ano ou na disponibilidade dos alimentos, Ivan prefere calcular o tempo com base nos dias (9.855 dias é o equivalente a 27 anos).

Bater no peito: dar pancadas repetidas no peito com uma ou as duas mãos para gerar um barulho alto (gesto às vezes usado por gorilas como ameaça para intimidar um oponente).

Bola de caca: excremento seco lançado contra observadores.

Chimpanzé pegajoso (gíria; ofensivo): humano (refere-se ao suor na pele sem pelos).

Costas cinza-prateadas (ou líder): macho adulto com mais de 12 anos e com uma área de pelagem acinzentada nas costas. O líder é uma autoridade, responsável por proteger a família.

Domínio: território.

Não Pega: gorila de pelúcia.

Pular de galho em galho: brincadeira casual.

Rugido: um bufar parecido com o ruído produzido por um porco, usado pelos pais dos gorilas para expressar irritação.

Olá

Eu sou o Ivan. Eu sou um gorila.

Não é tão fácil quanto parece.



Nomes

As pessoas me chamam de Gorila da Rodovia. O Macaco da Saída 8. O grande Ivan, o Poderoso Gorila das costas cinza-prateadas.

Os nomes são meus, mas não sou eu. Eu sou Ivan, apenas Ivan, nada mais do que Ivan.

Os humanos desperdiçam palavras. Eles as jogam como cascas de bananas e as deixam apodrecer.

Todos sabem que as cascas são a melhor parte da banana.

Acho que você pensa que os gorilas não conseguem entendê-lo. E é claro que você também pensa que não conseguimos andar eretos.

Tente andar apoiando as juntas dos dedos no chão por uma hora. E depois me diga: de que jeito é mais divertido?

Paciência

Com o passar dos anos, aprendi a entender as palavras humanas, mas entender o que os humanos dizem não é a mesma coisa que entender os humanos.

Eles falam demais. Tagarelam como chimpanzés, enchendo o mundo com seus barulhos mesmo quando não têm nada a dizer.

Precisei de algum tempo para aprender a reconhecer todos esses sons humanos, para ligar as palavras em uma coisa só. Mas fui paciente.

Ser paciente é útil quando você é um gorila.

Os gorilas são pacientes como pedras. Os humanos, nem tanto.

Minha aparência

Eu era um gorila selvagem, e ainda tenho essa aparência.

Mantenho o olhar tímido de um gorila, o sorriso astuto de um gorila. Uso aquele casaco de pele que parece ter ficado debaixo da neve, o uniforme da minha espécie — costas cinza-prateadas. Quando o sol aquece minhas costas, faço a sombra majestosa de um gorila.

No meu tamanho os humanos veem um teste de si mesmos. Eles ouvem palavras agressivas voando com o vento quando eu só penso que o sol do fim do dia me lembra uma nectarina madura.

Sou mais forte do que qualquer humano, 180 quilos de puro poder. Meu corpo parece ter sido feito para batalhas. Com os braços erguidos, sou mais alto do que o mais alto dos humanos.

Minha árvore genealógica também é muito extensa. Sou um macaco grande e você é um macaco grande, assim como os chimpanzés e os orangotangos e os bonobos. Todos nós somos primos distantes e desconfiados.

Sei que isso é problemático.

Também acho difícil acreditar que haja uma conexão no tempo e pelo espaço ligando-me a uma raça de palhaços mal-educados.

Chimpanzés... Não há desculpas para eles!

Saída 8: Grande Shopping e Fliperama

Vivo em um hábitat humano chamado de Grande Shopping e Fliperama da Saída 8. Estamos convenientemente localizados na saída da Rodovia I-95, com espetáculos às duas, às quatro da tarde e às sete da noite, 365 dias por ano.

Mack diz isso quando atende o telefone.

Mack trabalha aqui no shopping. Ele é o chefe.

Eu também trabalho aqui. Sou o gorila.

No Grande Shopping, um carrossel com música barulhenta gira o dia todo, e macacos e papagaios vivem em meio aos vendedores. No meio do shopping há um anel de bancos onde os humanos podem se sentar sobre seus traseiros enquanto comem *pretzels* macios. O chão vive coberto com uma poeira caída das árvores sem vida.

Meu domínio fica em um dos lados desse anel. Vivo aqui porque sou gorila demais, não sou suficientemente humano.

O domínio de Stella fica ao lado do meu. Stella é uma elefanta. Ela e Bob, um cachorro, são meus melhores amigos.

Atualmente, não tenho amigos gorilas.

Meu domínio é feito de grama espessa e metais enferrujados e cimento áspero. O de Stella é feito de barras de metal. O domínio do urso-dos-coqueiros é de madeira. O do papagaio, de tela metálica.

Três das minhas paredes são de vidro. Uma delas está rachada, e falta um

pequeno pedaço, do tamanho de uma mão, no canto inferior. Eu fiz o buraco com um taco de beisebol que Mack me deu no meu sexto aniversário. Depois disso, ele tirou o taco de mim, mas me deixou ficar com a bola que veio junto com o taco.

Há um cenário de floresta pintado em uma das paredes do meu domínio. Tem uma cachoeira sem água e flores sem cheiro e árvores sem raízes. Não fui eu que pintei, mas gosto da maneira como as formas fluem pela minha parede, mesmo que não seja uma floresta de verdade.

Tenho sorte porque o domínio tem três paredes transparentes. Posso ver todo o shopping e um pedaço do mundo além dele: as máquinas malucas de pebolim, as nuvens rosadas de algodão-doce e o enorme estacionamento sem árvores.

Atrás do estacionamento fica uma rodovia onde os carros aceleram sem parar. Uma placa gigante em um canto os faz parar e descansar como gazelas em um bebedouro.

A placa está apagada, as cores, sem vida, mas sei o que ela diz. Mack leu em voz alta um dia: “VISITE O SAÍDA 8, GRANDE SHOPPING E FLIPERAMA. CASA DO GRANDE IVAN, O PODEROSO GORILA DAS COSTAS CINZA-PRATEADAS!”.

Infelizmente eu não sei ler. Mas gostaria de saber. Ler histórias seria uma ótima forma de preencher minhas horas vazias.

Certa vez pude desfrutar de um livro que um dos meus cuidadores deixou em meu domínio.

Tinha gosto de cupim.

O letreiro na rodovia tem um desenho de Mack vestido com sua roupa de palhaço, de Stella apoiada nas patas traseiras e de um animal nervoso, com olhos ferozes e todo despenteado.

Aquele animal deve ser eu, mas o artista cometeu um erro. Eu nunca fico nervoso.



A raiva é preciosa. Um gorila das costas cinza-prateada usa a raiva para manter a ordem e avisar sua tropa dos perigos. Quando meu pai batia no peito, era para dizer: “Cuidado, ouçam, estou no comando. Eu sou feroz quando protejo vocês, porque foi para isso que eu nasci”.

Aqui, no meu domínio, não tenho ninguém para proteger.

O Menor Maior Espetáculo da Terra

Meus vizinhos aqui no Grande Shopping conhecem muitos truques. É um grupo educado, com mais habilidades do que eu.

Uma das minhas vizinhas joga beisebol, embora ela seja uma galinha. Outro dirige um caminhão de bombeiros, mesmo sendo um coelho.

Eu tinha uma vizinha, uma foca bonita e inteligente, que sabia dançar apoiando uma bola no focinho, e fazia isso do amanhecer ao anoitecer. Sua voz era como o latido de um cachorro preso por uma corrente em uma noite gelada.

As crianças pensavam em desejos e jogavam moedas na piscina de plástico da foca. Elas brilhavam no fundo como pedaços de cobre.

Certo dia, a foca estava faminta, ou talvez entediada, então ela comeu cem moedas.

Mack disse que ela ficaria bem.

Ele estava enganado.

Mack chama nosso show de “O Menor Maior Espetáculo da Terra”. Todos os dias às duas, quatro e sete horas, os humanos se divertem, tomam refrigerante, aplaudem. Os bebês choramingam. Vestido de palhaço, Mack pedala em uma pequena bicicleta. Uma cachorra chamada Snickers anda nas costas de Stella. Stella se senta em um banco.

É um banco muito robusto.

Eu não faço truques. Mack diz que eu só preciso ser eu mesmo.

Stella me contou que alguns circos viajam de uma cidade para outra. Eles têm

humanos que balançam em cordas presas ao topo das tendas. Têm leões barulhentos com dentes brilhantes e uma fila de elefantes, cada um usando a tromba para segurar a cauda do outro à sua frente. Os elefantes olham para o horizonte para não verem os humanos que querem observá-los.

Nosso circo não viaja. Ficamos aqui, onde estamos, como um animal idoso cansado demais para seguir em frente.

Depois do nosso show, os humanos visitam as lojas. Loja é onde eles compram as coisas das quais precisam para sobreviver. No Grande Shopping, algumas lojas vendem coisas novas, itens como balões e camisetas e bonés para cobrir a cabeça reluzente dos humanos. Algumas lojas vendem coisas antigas, produtos que cheiram a poeira e mofo e que há muito tempo foram esquecidos.

Durante todo o dia, vejo humanos correndo de uma loja a outra. Entregam aqueles papéis verdes, secos como folhas velhas e com o cheiro de mil mãos. Dão esses papéis e recebem outros desses papéis de volta.

Eles caçam loucamente, perseguindo, empurrando, resmungando. Depois vão embora, segurando sacolas cheias de coisas — coisas brilhantes, leves, grandes. Mas não importa quão cheias estejam suas sacolas: eles sempre voltam para buscar mais coisas.

Os humanos de fato são inteligentes. Eles giram um aparelho e produzem nuvens rosadas que você pode comer. Constroem domínios com cachoeiras lisas.

Mas são péssimos caçadores.

Ir Embora

Alguns animais vivem na privacidade, sem serem observados, mas a minha vida não é assim.

Minha vida tem luzes brilhantes e dedos apontando e visitantes que não foram convidados. A centímetros de distância, os humanos apoiam suas mãozinhas contra a parede de vidro que nos separa.

A parede diz que você é isso e que nós somos aquilo e que sempre será assim.

Os humanos deixam suas impressões digitais, grudentas de doce, úmidas de suor. Todas as noites, um homem cansado vem limpar essas marcas.

Às vezes pressiono meu nariz contra o vidro. A marca do meu nariz, assim como a dos dedos de vocês, é a primeira e última e única.

O homem limpa o vidro e depois eu descanso.

Artistas

Aqui no meu domínio, eu não tenho muito que fazer. Depois que você atira algumas bolas de caca nos humanos, a brincadeira fica sem graça.

Uma bola de caca é feita enrolando o cocô até a bola ter o tamanho de uma maçã e depois deixando-a secar. Sempre deixo algumas preparadas.

Por algum motivo, meus visitantes parecem nunca trazer bolas de caca.

No meu domínio, tenho um balanço de pneu, uma bola de beisebol, uma piscina de plástico cheia de água suja e até mesmo uma antiga TV.

Também tenho um gorila de pelúcia. Júlia, a filha do homem cansado que limpa o shopping todas as noites, deu esse brinquedo para mim.

O gorila tem olhos vazios e braços e pernas molengas, mas eu durmo com ele todas as noites. Eu o chamo de Não Pega.

Pega era o nome da minha irmã gêmea.

Júlia tem 10 anos. Seus cabelos são como um espelho negro, e ela tem um sorriso enorme parecido com uma meia-lua. Temos muito em comum. Nós dois somos macacos grandes, e nós dois somos artistas.

Foi Júlia quem me deu meu primeiro lápis de cor, um lápis azul, passando-o junto com uma folha de papel dobrada pela parte quebrada do vidro.

Eu sabia o que fazer com aquilo. Eu tinha observado Júlia desenhando. Quando arrastei o lápis pelo papel, ele deixou um rastro pelo caminho, um rastro que parecia uma cobra azul deslizando.

Os desenhos de Júlia são cheios de cor e movimento. Ela faz coisas que não são

reais: nuvens que sorriem e carros que nadam. Ela desenha até o lápis quebrar e o papel rasgar. Suas imagens são como pedaços de sonho.

Eu não sei fazer desenhos que se pareçam com sonhos. Nunca me lembro dos meus sonhos, embora eu às vezes acorde com os punhos fechados e o coração acelerado.

Meus desenhos parecem sem vida e muito simples perto dos de Júlia. Ela cria ideias em sua cabeça. Eu desenho as coisas em minha caverna, coisas simples que preenchem meus dias: o núcleo de uma maçã, a casca de uma banana, o embrulho de um doce. (E, com frequência, eu como tudo antes de desenhar.)

Porém, muito embora eu desenhe as mesmas coisas várias e várias vezes, nunca fico entediado com minha arte. Quando estou desenhando, só penso nisso. Não penso em onde estou, não penso em ontem e nem em amanhã. Apenas movimento meus lápis pelo papel.

Os humanos parecem nem sempre reconhecer meus desenhos. Eles ficam vesgos, inclinam a cabeça, murmuram. Eu desenho uma banana, uma banana perfeita e adorável, e eles dizem: — É um avião amarelo! — ou: — É um pato sem asas!

Tudo bem. Eu não desenho para eles. Desenho para mim mesmo.

Mack logo percebeu que as pessoas estão dispostas a pagar por uma figura desenhada por um gorila. Agora eu desenho todos os dias. Cada peça do meu trabalho é vendida por 20 dólares (ou 25 dólares, com a moldura) na loja de presentes perto do meu domínio.

Quando estou cansado e preciso de um descanso, devoro meus lápis.



Formas em nuvens

Acho que sempre fui um artista.

Quando eu era um bebê, dependurado em minha mãe, eu tinha os olhos de um artista. Via formas nas nuvens e esculturas em pedras caídas no fundo de um riacho. Prestava atenção às cores — a flor vermelha fora do alcance, o pássaro negro voando.

Não lembro muita coisa do começo da minha vida, mas me recordo disto: sempre que podia, eu enfiava meus dedos na lama fria e usava as costas de minha mãe como tela.

Ela era muito paciente, minha mãe.

Imaginação

Algum dia, espero conseguir desenhar como Júlia desenha, imaginando mundos que não existem.

Sei o que a maioria dos humanos pensa. Eles acham que os gorilas não têm imaginação. Acham que não nos lembramos de nosso passado e que não pensamos em nosso futuro.

Para dizer a verdade, acho que eles têm razão. Acima de tudo, penso no que é, e não no que poderia ser.

Aprendi a não ter muitas esperanças.

O gorila mais solitário do mundo

Quando o Grande Shopping foi construído, tinha cheiro de tinta e feno fresco, e os humanos vinham visitá-lo desde a manhã até a noite. Eles passavam pelo meu domínio como troncos de madeira descendo por um rio preguiçoso.

Nos últimos tempos, às vezes um dia inteiro se passa sem recebermos um único visitante. Mack diz que está preocupado. Diz que já não sou mais bonitinho. E fala:

— Ivan, você perdeu a magia, cara. Você já foi uma atração superpopular.

É verdade que alguns dos meus visitantes já não ficam por aqui tanto tempo quanto costumavam ficar. Eles olham pelo vidro, estalam a língua e franzem a testa enquanto eu assisto à minha TV.

— Ele parece solitário — eles dizem.

Não muito tempo atrás, um garotinho parou diante do meu vidro, com lágrimas escorrendo por suas bochechas vermelhas e delicadas. — Ele deve ser o gorila mais solitário do mundo — falou, segurando a mão de sua mãe.

Em momentos como esse, eu gostaria que os humanos me entendessem da forma como eu os entendo.

Não é tão ruim assim, eu queria dizer àquele garotinho. Com o passar do tempo, você acaba se acostumando a quase tudo.

TV

Meus visitantes costumam ficar surpresos quando veem a TV. Mack a colocou em meu domínio. Eles parecem achar estranho um gorila olhar para os humanos pequenininhos em uma caixa.

Mas às vezes eu me pergunto: não é assim que eles olham para mim, sentado em minha caixinha? Isso também não é estranho?

Minha TV é velha. Nem sempre funciona, e, às vezes, dias se passam sem ninguém se lembrar de ligá-la.

Eu assisto a qualquer coisa, mas gosto especialmente dos desenhos animados, com suas cores fortes como as da selva. Gosto principalmente quando alguém escorrega em uma casca de banana.

Bob, meu amigo cachorro, gosta da TV quase tanto quanto eu. Mas ele prefere assistir ao boliche profissional e aos comerciais de comida de gato.

Bob e eu também já assistimos a muitos filmes de romance. Nos romances há muitos abraços e, às vezes, lambidas no rosto.

Mas ainda não vi nenhum romance estrelado por um gorila.

Também gostamos dos antigos filmes de faroeste. Neles, alguém sempre diz:

— Esta cidade é pequena demais para nós dois, Xerife.

Nos faroestes, dá para saber quem são os caras bons e quem são os malvados, e os bonzinhos sempre vencem.

Bob diz que os faroestes não se parecem em nada com a vida real.



O show da natureza

Estou no meu domínio há 9.855 dias.

Sozinho.

Durante algum tempo, quando eu era novo e bobinho, pensei que eu fosse o último gorila do planeta.

Tentei não me chatear com isso. Mesmo assim, é difícil ficar contente quando você acha que não existem outros iguais a você.

Então, certa noite, depois de assistir a um filme com homens usando chapéus pretos, armas e cavalos mansinhos, um programa diferente começou.

Não era um desenho animado, nem um romance, nem um faroeste.

Vi uma floresta deslumbrante. Ouvi pássaros gorjeando. A grama tinha movimento. As árvores faziam barulho com o vento.

Então eu o vi. Era um pouco desajeitado e desgrenhado, e, para ser sincero, não tinha a boa aparência que eu tenho. Mas claramente era um gorila.

Tão rápido quanto aparecia, o gorila sumia, e, em seu lugar, surgia um animal branco e peludo chamado, conforme eu aprendi, urso polar. E depois uma criatura rechonchuda e aquática chamada peixe-boi, e depois outro animal e outro animal.

Passei a noite toda pensando no gorila que eu tinha visto. Onde ele vivia? Será que algum dia viria me visitar? Se ele vivia por aí, será que existia também um gorila fêmea?

Ou será que éramos apenas nós dois no mundo, cada um preso em sua própria caixa?

Stella

Stella diz que tem certeza de que algum dia eu vou ver outro gorila vivo e de verdade. E eu acredito, porque ela é mais velha do que eu e tem olhos como estrelas negras e sabe mais do que eu um dia chegarei a saber.

Stella é como uma montanha. Perto dela, sou apenas uma rocha, e Bob é um grão de sal.

Todas as noites, quando as lojas fecham e a lua banha o mundo com sua luz branca como o leite, Stella e eu conversamos.

Nós não temos muito em comum, mas temos o suficiente. Somos grandes e solitários, e adoramos iogurte com passas.

Às vezes, Stella conta histórias de sua infância, fala das copas cheias de folhas nas árvores escondidas pela névoa e da música constante do rio fluindo. Ao contrário de mim, ela se lembra de cada detalhe do passado.

Stella adora a lua e aquele sorriso tranquilo da lua. Eu adoro a sensação do sol batendo em minha barriga.

Ela diz:

— É um barrigão, meu amigo.

E eu respondo:

— Obrigado. Igualmente!

Nós conversamos, mas não muito. Assim como os gorilas, os elefantes não desperdiçam palavras.

Stella já fez shows em circos grandes e famosos, e ainda realiza alguns de seus truques em nosso espetáculo. Durante uma de suas façanhas, ela se apoia nas patas traseiras enquanto Snickers pula em sua cabeça.

É difícil ficar apoiado nas patas traseiras quando seu peso é de mais de 40 homens.

Se você é um elefante de circo e consegue se apoiar nas patas de trás enquanto um cachorro pula em sua cabeça, acaba ganhando um agradinho. Se não consegue, o chicote entra em ação.

A pele do elefante é grossa como a casca de uma árvore velha, mas o chicote pode perfurá-la como se não passasse de uma folha.

Certa vez, Stella viu o treinador acertar um enorme elefante com o chicote. Esse elefante era como um gorila das costas cinza-prateadas: nobre, contido, calmo como uma cobra. Quando o chicote acertou sua pele, o elefante usou a tromba para lançar o treinador no ar.

O homem voou, conta Stella, como um pássaro feioso. Ela nunca mais viu o elefante.



A tromba de Stella

A tromba de Stella é impressionante. Ela consegue segurar um único amendoim com muita elegância, fazer cócegas em um rato, dar tapinhas no ombro de um cuidador enquanto ele cochila.

Aquela tromba é incrível, mas, mesmo assim, não consegue destravar a porta de seu infeliz domínio.

Circulando as pernas de Stella estão cicatrizes antigas das correntes que ela usava quando era jovem. Ela as chama de “tornozeleiras”. Quando trabalhava em um circo famoso, Stella tinha que se equilibrar em um pedestal para fazer o truque mais difícil. Certo dia, ela caiu e machucou o pé. Quando começou a mancar e não conseguiu mais acompanhar os outros elefantes, o circo a vendeu para Mack.

O pé de Stella nunca ficou completamente curado. Ela manca quando anda e, às vezes, seu pé fica inflamado quando ela permanece parada por muito tempo em um lugar só.

No último inverno, o pé de Stella inchou tanto que chegou a dobrar de tamanho. Ela teve febre e ficou deitada por cinco dias no chão úmido e frio de seu domínio.

Foram dias muito longos.

Até agora, não sei se ela está completamente recuperada. Mas Stella nunca reclama, então é difícil saber.

No Grande Shopping, ninguém precisa usar correntes de ferro. Uma corda presa a uma estaca no chão é o suficiente.

— Eles acham que eu sou velha demais para causar problemas — diz Stella.

E então ela complementa:

— Mas a idade é um disfarce poderoso.

Um plano

Já se passaram dois dias sem nenhuma visita. Mack está de mau humor. Ele disse que estamos perdendo dinheiro muito rapidamente. E que vai vender todos nós.

Quando Thelma, uma arara azul e amarela, pediu para ser beijada pela terceira vez em dez minutos, Mack jogou uma lata de refrigerante contra ela. As asas de Thelma são cortadas para ela não conseguir voar. Mesmo assim, ela consegue saltitar. E pulou para o lado bem na hora, para desviar do objeto.

— Beijinho! — ela exclamou, com um assobio estridente.

Com passos pesados, Mack foi até seu escritório e bateu a porta.

Eu me pergunto se os visitantes se cansaram de mim. Talvez seja bom eu aprender um ou dois truques.

Os humanos parecem gostar de me ver comer. Por sorte, estou sempre com fome. Tenho talento para ser um comilão.

Um gorila das costas cinza-prateadas precisa comer vinte quilos de comida por dia se quiser viver bem. Vinte quilos de frutas e folhas e sementes e caules e videiras e madeira apodrecida.

Também gosto de insetos, de vez em quando.

Vou tentar comer mais. Talvez assim consigamos mais visitantes. Amanhã, vou ingerir vinte e cinco quilos de comida. Talvez trinta.

Isso deve deixar Mack feliz.

Bob

Expliquei meu plano a Bob.

— Ivan — ele falou. — Acredite em mim: o problema não está no seu apetite.

Ele pulou no meu peito e lambeu meu queixo, verificando se havia restos de comida ali.

Bob é um vira-lata, o que significa que não tem um endereço permanente. É tão ágil e esperto que os funcionários do shopping há muito tempo desistiram de tentar pegá-lo. Bob consegue passar por buracos e fendas como um rato sendo perseguido. Ele vive bem com os restos de cachorro-quente que recolhe do lixo. Como sobremesa, lambe a limonada que cai no chão e os restos das casquinhas de sorvete.

Tentei dividir minha comida com Bob, mas ele é muito seletivo e disse que prefere caçar seu próprio alimento.

Bob é pequeno, forte e rápido. Mais parece um esquilo que late. Tem uma cor acastanhada e orelhas grandes. Sua cauda se move como folhas ao vento, girando e dançando.

A cauda de Bob me deixa zonzo e confuso. Assim como as palavras humanas, ela expressa significados e mais significados. “Estou triste”, ela comunica. “Estou feliz”, ela diz. “Cuidado! Posso ser pequeno, mas meus dentes são pontiagudos.”

Os gorilas não veem utilidade em uma cauda. Nossos sentimentos são descomplicados. Nossos traseiros não são enfeitados.

Bob tinha três irmãos e duas irmãs. Os humanos os levaram em uma caminhonete e os jogaram no meio da estrada quando eles tinham poucas

semanas de vida. Bob caiu em uma vala.

Os outros, não.



Em sua primeira noite na estrada, Bob dormiu no barro gelado da vala. Quando acordou, estava com tanto frio que suas pernas demoraram uma hora para começar a se mexer.

Na noite seguinte, ele dormiu debaixo de um monte de feno sujo perto das lixeiras do Grande Shopping.

Na noite seguinte, ele encontrou um local no canto do meu domínio, onde o vidro já estava quebrado. Sonhei que tinha comido um *donut* peludo e, quando acordei na escuridão, encontrei o filhotinho de cachorro roncando em cima da minha barriga.

Fazia tanto tempo que eu não sentia o conforto do calor de outra criatura que fiquei sem saber o que fazer. Não que eu não recebesse visitas... Mack vivia entrando no meu domínio, obviamente, e vários outros cuidadores. Eu via muitos ratos passando por aqui, e ocasionalmente um pardal rebelde voava sobre o buraco no meu telhado.

Mas eles nunca ficavam por muito tempo.

Passei a noite toda sem me mexer, com medo de acordar Bob.

Selvagem

Certa vez, perguntei a Bob por que ele não queria uma casa. Eu já tinha percebido que os humanos tinham um amor irracional por cachorros, e eu era capaz de entender por que era mais fácil abraçar um cachorro do que, digamos, um gorila.

— Todo lugar é minha casa — respondeu Bob. — Sou como um animal selvagem, meu amigo: indomado e destemido.

Contei a Bob que ele poderia trabalhar nos shows, como Snickers, a poodle que anda sobre Stella.

Bob disse que Snickers dorme em uma almofada cor-de-rosa no escritório de Mack. Disse que ela come uma coisa fedorenta que vem em latas.

Ele fez uma careta. Seus lábios se curvaram, revelando dentes afiados como agulhas.

— Os poodles são parasitas — declarou.

Picasso

Mack me dá um lápis novo, amarelo, e dez folhas de papel.

— Hora de ganhar o jantar, Picasso — ele murmura.

Eu me pergunto quem é esse tal de Picasso. Ele tem um balanço de pneu, como eu tenho? Ele também come os lápis?

Sei que perdi minha magia, então tento fazer meu melhor. Seguro o lápis e penso.

Analiso meu domínio. O que é amarelo?

Uma banana.

Desenho uma banana. O papel rasga, mas só um pouquinho.

Inclino o corpo para trás e Mack pega o desenho.

— Mais um dia, mais um rabisco — ele diz. — Já terminou um, faltam nove.

— O que mais é amarelo? — eu me pergunto, analisando meu domínio.

Desenho outra banana. E depois faço outras oito.

Três visitantes

Temos três visitantes aqui: uma mulher, um menino e uma garota.

Eu ando pelo meu domínio para eles. E me dependuro no balanço de pneu. Devoro três cascas de banana na sequência.

O garoto cospe na minha janela. A garota joga um punhado de pedras.

Às vezes fico feliz por existir um vidro nos separando.

Meus visitantes retornam

Depois do espetáculo, as crianças que cospem e jogam pedras voltam.

Mostro meus impressionantes dentes. Nado em minha piscina suja. Solto rugidos e gritos. E como e como e como um pouco mais.

As crianças batem em seus peitos patéticos. Jogam mais pedras.

— Chimpanzés pegajosos! — eu sussurro.

E jogo uma bola de caca neles.

Às vezes eu desejo que aquele vidro não exista.

Sinto muito

Sinto muito por ter chamado aquelas crianças de “chimpanzés pegajosos”.

Minha mãe sentiria vergonha de mim.

Júlia

Assim como os garotos que cospem e jogam pedras, Júlia é uma criança. Mas isso, no fim das contas, não é culpa dela.

Enquanto George, o pai de Júlia, limpa o shopping todas as noites, ela fica sentada perto do meu domínio. A garotinha poderia se sentar onde quisesse: no carrossel, na praça de alimentação vazia, na arquibancada suja de serragem. Mas não estou me gabando quando digo que ela sempre prefere se sentar comigo.

Acho que é porque nós dois gostamos de desenhar.

Sara, a mãe de Júlia, ajudava a limpar o shopping. Mas, quando ela ficou doente, pálida e fraca, parou de vir. Todas as noites, Júlia oferece ajuda a George, e todas as noites ele diz firmemente: — Lição de casa, Júlia. O chão vai ficar sujo outra vez.

A lição de casa, eu descobri, envolve um lápis apontado e enormes livros e longos suspiros.

Eu gosto de mastigar os lápis. Tenho certeza de que eu seria ótimo com a lição de casa.

Júlia às vezes cochila e outras vezes lê os livros, mas geralmente ela gosta mais de fazer desenhos e falar sobre o seu dia.

Não sei por que as pessoas conversam comigo, mas elas fazem isso. Talvez seja por acharem que eu não as entendo.

Ou talvez porque eu não saiba responder.

Júlia gosta de ciências e educação artística. Não gosta de Lila Burpee, que a provoca porque suas roupas são velhas. Mas gosta de Deshawn Williams, que

também a provoca, mas de uma maneira mais leve. E Júlia quer ser uma artista famosa quando crescer.

Às vezes ela me desenha. Em suas imagens, sou um camarada elegante, com minhas costas esbranquiçadas brilhando como a luz da lua batendo em um rio. Nunca tenho aquela cara nervosa como a da placa na rodovia.

Porém, pareço um pouco triste.

Desenhando Bob

Adoro os desenhos que Júlia faz de Bob.

Ela o desenha voando pela página, uma mancha de patas e pelos. Também o retrata sem movimentos, espiando de trás de uma lata de lixo ou da colina suave formada pela minha barriga. Às vezes, em seus desenhos, Júlia dá asas ou uma juba de leão a Bob. Certa vez, ela também o desenhou com um casco de tartaruga.

Mas a melhor coisa que Júlia deu a Bob não foi um desenho, e sim o nome dele.

Por um bom tempo, ninguém sabia que nome dar ao meu amigo. De vez em quando, algum funcionário do shopping tentava se aproximar dele com um petisco. — Aqui, cachorrinho — eles diziam, segurando um palito de batata frita. — Venha cá, vira-lata — outros chamavam. — Quer um pedacinho do sanduíche?

Mas ele sempre desaparecia antes que alguém pudesse se aproximar demais.

Certa tarde, Júlia decidiu desenhar o cachorrinho encolhido no canto do meu domínio. Primeiro ela o observou por muito tempo enquanto roía a unha. Eu sabia que ela o estava observando da forma como um artista vê o mundo quando tenta entendê-lo.

Júlia finalmente segurou o lápis e começou a trabalhar. Quando terminou, segurou a folha erguida.

Lá estava ele, o cachorro minúsculo e com orelhas grandes. Parecia esperto e astuto, mas seu olhar era cheio de desejos.

Debaixo da imagem havia três marcas fortes e decididas, circuladas em preto. Mesmo sem saber ler, eu tive certeza de que era uma palavra.

O pai de Júlia olhou por sobre o ombro.

— Está perfeito! — ele elogiou, concordando com a cabeça.

Então, apontou para as marcas circuladas:

— Eu não sabia que o nome dele era Bob — continuou o pai de Júlia.

— Nem eu — ela falou, sorrindo. — Precisei desenhá-lo primeiro.

Bob e Júlia

Bob não deixa os humanos tocarem nele. Diz que o cheiro deles atrapalha sua digestão.

Porém, de vez em quando eu o vejo sentado aos pés de Júlia.

Os dedos dela se movimentam gentilmente logo atrás da orelha direita dele.



Mack

Em geral, Mack vai embora depois do espetáculo, mas esta noite ele está trabalhando até tarde no escritório. Quando termina, para em frente ao meu domínio e me encara por muito tempo enquanto bebe alguma coisa em uma garrafa marrom.

Com a vassoura na mão, George se une a ele, e Mack diz as coisas que sempre diz:

— E aquele jogo ontem à noite?

Também diz:

— Os negócios não vão bem, mas as coisas vão melhorar, você vai ver.

E ainda:

— Não se esqueça de tirar o lixo.

Mack olha para o desenho em que Júlia está trabalhando.

— O que você está fazendo? — ele pergunta.

— É para minha mãe — Júlia responde. — É um cachorro voador.

Então ela levanta o desenho, analisando-o criticamente. E continua:

— Ela gosta de aviões. E de cachorros.

— Hum — murmura Mack, mas não parece estar convencido.

Ele olha para George:

— Como está sua esposa?

— Do mesmo jeito — responde George. — Tem dias bons e dias ruins.

— Sim, como todos nós — diz Mack.

Ele começa a ir embora, depois para. Enfia a mão no bolso, puxa uma nota verde amassada e a coloca na mão de George.

— Aqui — fala Mack, encolhendo o ombro. — Compre mais alguns lápis de cor para a garota.

Mack já passou pela porta antes que George possa gritar:

— Obrigado!

Sem sono

— Stella — eu digo, depois que Júlia e seu pai foram para casa. — Não consigo dormir.

— É claro que consegue — ela responde. — Você é o rei da soneca!

— Psiu — censura Bob, apoiado em minha barriga. — Estou sonhando com batatas fritas!

— Estou cansado — admito. — Mas não tenho sono.

— Está cansado de quê? — pergunta Stella.

Penso por alguns instantes. É difícil colocar em palavras. Gorilas não costumam reclamar. Somos sonhadores, poetas, filósofos, dorminhocos...

— Não sei exatamente. — Bato o pé em meu balanço de pneu. — Acho que talvez eu esteja um pouco cansado do meu domínio.

— É porque você vive em uma jaula — Bob me diz.

Bob nem sempre tem muito tato.

— Eu sei — concorda Stella. — É um domínio muito pequeno.

— E você é um gorila grande — acrescenta Bob.

— Stella? — eu a chamo.

— Sim?

— Percebi que você estava mancando mais do que o normal hoje. Sua perna está doendo?

— Só um pouco — Stella responde.

Eu suspiro. Bob se ajeita. E levanta as orelhas. Ele baba um pouco, mas eu não me importo. Estou acostumado.

— Tente comer alguma coisa — sugere Stella. — Comer sempre o deixa feliz.

Devoro uma cenoura marrom e envelhecida. Não ajuda muito, mas não digo nada a Stella. Ela precisa dormir.

— Você poderia tentar se lembrar de algum dia muito bom — sugere minha amiga elefanta. — É o que eu faço quando não consigo dormir.

Ela se lembra de todos os momentos desde que nasceu: de todos os aromas, de cada pôr do sol, de todas as grosserias, de cada vitória.

— Você sabe que eu não consigo me lembrar de muita coisa — digo.

— Há uma diferença entre “não conseguir” e “não lembrar” — ela explica em um tom delicado.

— É verdade — admito.

“Não se lembrar” pode ser difícil, mas tive muito tempo para trabalhar nisso.

— As lembranças são preciosas — acrescenta Stella. — Elas nos ajudam a ser quem somos. Tente se lembrar dos seus cuidadores. Você sempre gostou do Karl, aquele que tocava gaita.

Karl! Sim! Eu lembro que ele me deu um coco quando eu ainda era jovem. Passei o dia inteiro tentando abrir a fruta.

Tento me lembrar dos outros cuidadores que conheci — os humanos que limpavam meu domínio e preparavam meus alimentos e às vezes me faziam companhia. Tinha o Juan, que me dava refrigerante na boca, e a Katrina, que costumava me cutucar com a vassoura quando eu estava dormindo, e a Ellen, que cantava “Cada Macaco no seu Galho” para mim com um sorriso triste enquanto limpava meu pote de água.

E tinha o Gerald, que certa vez me trouxe uma caixa de morangos doces e suculentos.

Gerald era o meu cuidador favorito.

Faz muito tempo que não tenho um cuidador de verdade. Mack diz que não tem dinheiro para pagar uma babá de macaco. Atualmente, George limpa minha jaula e Mack me traz alimentos.

Quando penso em todas as pessoas que cuidaram de mim, lembro-me mais de Mack, dia após dia, ano após ano após ano. Mack, que me trouxe para cá e me criou e diz que não sou mais bonitinho.

Como se um gorila das costas cinza-prateadas em algum momento fosse bonitinho.

A luz da lua banha o carrossel parado, o carrinho de pipoca silencioso, a tenda de cintos de couro que cheira a vacas que morreram muito tempo atrás.

A respiração pesada de Stella soa como o vento em meio às árvores. E eu espero o sono chegar...

O besouro

Mack me dá um lápis de cor novo e uma pilha de papéis em branco. É hora de trabalhar outra vez.

Sinto o cheiro do lápis, seguro-o em minha mão, aperto a ponta afiada contra a palma.

Não há nada que eu ame mais do que um lápis de cor novo.

Busco em meu domínio alguma coisa que eu possa desenhar. O que é preto?

Uma casca de banana velha funcionaria, mas eu comi todas elas.

Não Pega é marrom. Minha piscina é azul. O iogurte com passas que estou reservando para esta tarde é branco, pelo menos por fora.

Alguma coisa se mexe no canto.

Tenho um visitante!

Um besouro brilhante parou aqui. Insetos costumam passar pelo meu domínio em seu caminho para algum outro lugar.

— Olá, besouro — eu o cumprimento.

Ele fica congelado, silencioso. Insetos nunca querem conversa.

O besouro é um inseto bonito, com um corpo que se assemelha a uma castanha brilhante. E é negro como uma noite sem estrelas.

É isso! Vou desenhar *este besouro!*

Recriar a imagem de algo novo é sempre difícil. Não tenho chance de fazer isso com muita frequência.

Mas eu tento. Observo o besouro, que é suficientemente gentil para não se movimentar, e depois olho para o meu papel. Desenho o corpo, as pernas, as pequenas antenas, a expressão amargurada.

Estou com sorte. O besouro continua parado. Em geral, os insetos não ficam parados quando vêm me visitar. Já começo a me perguntar se ele está se sentindo bem.

Bob, que é conhecido por mastigar insetos de vez em quando, diz que poderia devorá-lo.

Digo a Bob que não será necessário.

Estou terminando meu último desenho quando Mack volta. George e Júlia estão com ele.

Mack entra no meu domínio e recolhe um desenho.

— Que diabos é isso?! — ele pergunta. — Não tenho a menor ideia do que Ivan acha que está desenhando. Esta imagem não significa nada. Um nada grande e preto.

Júlia está parada bem na saída do meu domínio.

— Posso ver? — ela pergunta.

Mack mostra meu desenho pela janela. Júlia inclina a cabeça. Fecha os olhos com força. Então ela os abre novamente e analisa meu domínio.

— Eu sei! — ela exclama. — É um besouro! Está vendo aquele inseto bem ali, ao lado da piscina de Ivan?

— Cara, acabei de passar inseticida aqui!

Mack anda até o besouro e levanta o pé.

Antes que ele possa pisar, o besouro voa, desaparecendo através do buraco na parede.

Mack se concentra novamente no desenho.

— Então você acha que isto aqui é um besouro, certo? Se você diz...

— Ah, tenho certeza de que é um besouro — garante Júlia, sorrindo para mim. — Conheço um besouro quando bato os olhos em um.

Acho que é bom ter por perto uma colega que também é artista.



Mudança

Stella é a primeira a notar a mudança, mas logo todos nós percebemos.

Um novo animal está para chegar ao Grande Shopping.

Como sabemos disso? Porque ouvimos, observamos e, acima de tudo, sentimos o cheiro no ar.

Os humanos sempre têm um cheiro estranho quando existe alguma mudança no ar.

É um cheiro como o de carne estragada. Com um toque de mamão.

Imaginando

Bob teme que nosso novo vizinho seja um gato gigante com olhos entreabertos e cauda enrolada. Mas Stella diz que um caminhão chegará esta tarde trazendo um filhote de elefante.

— Como você sabe? — pergunto. Dou uma farejada no ar, mas só sinto o cheiro de pipoca caramelada.

Adoro pipoca caramelada.

— Posso ouvi-la — garante Stella. — Ela está chorando porque quer a mãe.

Forço meus ouvidos. Escuto os carros acelerando. Ouço o ronco dos ursos em seus domínios de alambrado.

Mas não escuto nenhum elefante.

— Você só está com esperança — digo.

Stella fecha os olhos.

— Não — ela diz suavemente. — Não é esperança. De forma alguma é esperança.

Jambo

Minha TV está desligada, então, enquanto esperamos o novo vizinho, peço a Stella para nos contar uma história.

Ela esfrega a pata direita da frente contra a parede. Seu pé está inchado outra vez, um vermelho profundo e horrível.

— Se não estiver se sentindo bem, Stella, pode tirar uma soneca e nos contar a história mais tarde — digo.

— Estou bem — ela garante, e cuidadosamente ajeita o peso do corpo.

— Conte-nos a história de Jambo — sugiro.

É a minha favorita, mas não sei se Bob já a ouviu.

Como Stella se lembra de tudo, ela conhece muitas histórias. Eu gosto de histórias coloridas, com inícios escuros, meios agitados e finais azuis como um céu aberto. Mas qualquer história serve.

Não estou em condições de ser exigente.

— Era uma vez um garoto humano... — começa Stella. — Ele estava visitando uma família de gorilas em um local chamado “zoológico”.

— O que é um “zoológico”? — pergunta Bob.

Ele é um cachorro esperto das ruas, mas existem muitas coisas que nunca viu.

Stella explica:

— Um bom zoológico é um domínio enorme. Uma jaula selvagem. Um lugar seguro para viver. Tem espaço para a gente andar e humanos que não nos ferem. — Ela faz uma pausa para repensar suas palavras. — Um bom zoológico é uma forma de os humanos fazerem as pazes com a gente.

Stella se mexe um pouco, gemendo discretamente.

— O garoto estava parado contra uma parede — ela continua a história. — Observando, apontando, mas perdeu o equilíbrio e caiu na jaula selvagem.

— Os humanos são desastrados — eu a interrompo. — Se eles soubessem andar apoiados nas mãos, talvez não tropeçassem com tanta frequência.

Stella concorda.

— Tem razão, Ivan. De qualquer forma, o garoto caiu imóvel, enquanto os humanos ficavam boquiabertos e gritavam. O gorila das costas cinza-prateadas, que se chamava Jambo, examinou o menino, como era sua obrigação, enquanto sua turma observava a uma distância segura.

Jambo acariciou gentilmente a criança. Sentiu o cheiro da dor do menino e permaneceu vigiando.

Stella fez uma pausa antes de continuar:

— Quando o menino acordou, os humanos gritaram: “Fique parado, não se mova!”, porque tinham certeza, e os humanos sempre têm certeza de tudo, de que Jambo mataria o garoto. O menino gemeu. Silenciosa, a multidão esperou pelo pior. Jambo afastou sua turma. Homens desceram presos a cordas e seguraram a criança nos braços.

— O menino estava bem? — perguntou Bob.

— Ele não estava ferido — conta Stella. — Mas eu não ficaria surpresa se os pais dele o abraçassem mil vezes naquela noite, enquanto lhe davam um sermão.

Bob, que mordia a cauda, ficou paralisado com a cabeça inclinada.

— Essa história é verdadeira?

— Eu sempre conto a verdade — responde Stella. — Mas às vezes confundo os fatos.

Sorte

Ouvi a história de Jambo muitas vezes. Stella diz que os humanos acharam estranho o enorme gorila não ter matado o garoto.

Por que, eu me pergunto, isso é tão surpreendente? O menino era jovem e estava assustado e sozinho.

Ele era, no fim das contas, só mais um macaco.

Bob me cutuca com seu focinho gelado.

— Ivan — ele diz. — Por que você e Stella não estão em um zoológico?

Olho para Stella. Ela olha para mim. E sorri com os olhos, só um pouquinho, daquele jeito que apenas os elefantes sabem fazer.

— Acho que não tivemos sorte — ela responde.

Chegada

A nova vizinha chega depois do show das quatro da tarde.

Quando o caminhão se aproxima, fazendo barulho pelo estacionamento, Bob corre para nos informar.

Ele sempre sabe o que está acontecendo. É um amigo muito útil, especialmente quando você não pode sair do seu domínio.

Com um urro, Mack abre a porta de correr metálica perto da praça de alimentação, o local por onde chegam as entregas.

Um caminhão enorme e branco se aproxima da porta em marcha à ré, soltando fumaça. Quando o motorista abre a parte de trás, percebo que Stella estava certa.

Tem uma filhote de elefante lá dentro. Eu a vejo na área de carga, saindo da escuridão.



Fico contente por Stella. Mas, quando a observo, vejo que ela não está nada, nada contente.

— Afastem-se, todos! — grita Mack. — Temos uma recém-chegada. Esta é Ruby, pessoal. Trezentos quilos de alegria para salvar nossa pele. Esta garota vai nos ajudar a vender ingressos!

Mack e dois homens sobem naquela caverna escura do caminhão. Nós ouvimos barulhos, alguma coisa raspando, uma palavra feia que Mack usa quando está furioso.

Ruby também faz um barulho, algo parecido com aqueles pequenos trompetes que os humanos vendem em lojas de presentes.

— Mexam-se — esbraveja Mack, mas até agora nem sinal de Ruby.

— Mexam-se! Não temos o dia todo!

Dentro de seu domínio, Stella anda de um lado para o outro o máximo que consegue: dois passos para um lado, dois passos para o outro. Ela bate a tromba contra as barras de metal enferrujado. E resmunga.

— Stella, você ouviu o bebê? — pergunto.

Ela murmura alguma coisa em voz baixa, uma palavra que *ela* usa quando *está* furiosa.

— Fique calma, Stella. Vai ficar tudo bem — digo.

— Ivan — Stella me chama. — As coisas nunca, nunca vão ficar bem. E eu percebo que é melhor parar de falar.

Stella ajuda

Os homens continuam gritando. Alguns dos berros são para outros homens, mas a maioria deles é para Ruby.

Ouvimos esforços, pancadas, coisas virando. A lateral do caminhão estremece.

— Estou começando a gostar dessa elefanta — sussurra Bob.

— Vou chamar a grandalhona — diz Mack. — Talvez ela consiga convencer essa pirralha idiota a sair do caminhão.

Mack abre a porta de Stella.

— Venha, garotona — ele a chama.

Mack então desamarra a corda presa à estaca no chão.

Stella passa por ele e quase o derruba. Apressa-se o máximo que consegue, mancando, em direção à porta aberta da carroceria. Coloca o pé inchado no limite da rampa e geme. O sangue escorre.

Na metade da rampa, Stella para. O barulho do caminhão para. Ruby fica em silêncio.

Lentamente, Stella sobe o restante da rampa, que faz barulho por causa do peso. E eu sei que ela sente muita dor, pois se movimenta de uma forma desajeitada.

Ela para no fim da rampa. Cutuca a escuridão com a tromba.

Nós esperamos.

A pequena tromba cinza aparece outra vez. Estende-se timidamente, saboreando o ar. Stella enrola sua tromba em volta da tromba da filhote. As duas resmungam suavemente.

Esperamos um pouco mais. Um silêncio se espalha por todo o Grande Shopping.

Pancada, pancada. Passo, passo, pausa. Passo, passo, pausa.

E lá está ela, tão pequena que cabe debaixo de Stella e ainda sobra espaço. Sua pele não é firme, e ela cambaleia, instável, enquanto desce a rampa.

— Não é grande coisa — Mack comenta. — Mas eu a consegui por um bom preço em um circo que faliu no Oeste. Eles a trouxeram da África. Só ficaram com ela por um mês antes de falir. — Mack aponta para Ruby. — A questão é que as pessoas adoram filhotes. Filhotes de elefante, filhotes de gorila. Caramba, se arranjarem um filhote de jacaré eu farei um dinheirão.

Stella acompanha Ruby em direção a seu domínio. Mack e os dois homens as seguem. Diante da porta de Stella, Ruby hesita.

Mack dá um empurrão na jovem elefanta, mas ela não se mexe.

— Ruby, deixe de ser teimosa — ele murmura.

Mas nem Rubi nem Stella se movimentam.

Mack pega uma vassoura. E a levanta. No mesmo instante, Stella entra na frente de Ruby para protegê-la.

— Entrem na jaula, vocês duas! — ele grita.

Stella o encara, pensando no que fazer. Suave, mas firmemente, ela usa a tromba para dizer a Ruby que entre em seu domínio. Só depois Stella entra. Mack bate fortemente a porta.

Vejo duas trombas entrelaçadas. Ouço Stella sussurrar.

— Pobrezinha — comenta Bob. — Bem-vinda ao Grande Shopping e Fliperama da Saída 8, Casa do Grande Ivan.

Ficou para trás

Quando Júlia aparece, ela se senta perto do domínio de Stella e dá atenção à filhote de elefante. E mal fala comigo.

Stella também não conversa comigo. Está ocupada demais agradando Ruby.

A pequena Ruby é bonitinha, com suas orelhas balançando como folhas de palmeiras. Mas eu sou bonitão e forte.

Bob trota em círculos em volta da minha barriga antes de se ajeitar no ponto certo.

— Desista, Ivan — ele diz. — Você ficou para trás.

Júlia pega uma folha de papel e um lápis. Posso ver que ela está desenhando Ruby.

Vou para o canto do meu domínio para fechar a cara. Bob resmunga. Ele não gosta de quando eu atrapalho seu sono.

— Lição de casa — fala o pai de Júlia, fazendo uma carranca.

Ela suspira e deixa o desenho de lado.

Eu resmungo, e Júlia olha na minha direção.

— Pobre e velho Ivan — ela diz. — Eu ando ignorando você, não é mesmo?

Resmungo outra vez. Um grunhido honrado e indiferente.

Júlia pensa por um instante, e então sorri. Ela vem até meu domínio, até o canto

onde o vidro está quebrado. E passa uma folha de papel e um lápis, deixando-os cair em meu chão cimentado.

— Você também pode desenhar a filhote de elefante — sugere a garota.

Quebro o lápis na metade com meus dentes incríveis.

E depois como parte do papel.

Truques

Mesmo depois que Júlia e seu pai saem, tento me manter emburrado. Mas é inútil.

Por natureza, os gorilas não vivem de cara feia.

— Stella? — eu a chamo. — É lua cheia. Você viu?

Às vezes, quando estamos com sorte, podemos ver a lua pelo teto aberto da praça de alimentação.

— Eu vi — vem a resposta. Ela está sussurrando, então percebo que Ruby deve estar dormindo.

— Ruby está bem? — pergunto.

— Está magra demais, Ivan — Stella me conta. — Pobrezinha. Passou dias naquele caminhão. Mack a trouxe do circo, da mesma forma como me trouxe, mas ela não passou muito tempo lá. Ruby nasceu na selva, como nós.

— Ela vai ficar bem? — pergunto.

Stella não responde.

— Os treinadores do circo a acorrentavam no chão, Ivan. Todas as quatro patas. Vinte e três horas por dia.

Eu me pergunto como isso poderia ser uma boa ideia. Sempre tento achar uma explicação para o que os humanos fazem.

— Por que eles fariam algo assim? — finalmente pergunto.

— Para destruir a natureza dela — Stella me conta. — Para ela aprender a se equilibrar em um pedestal. Para aprender a se apoiar nas patas traseiras. Para um cachorro pular em suas costas enquanto ela anda em círculos sem pensar em mais nada.

Ouço aquela voz cansada e penso em todos os truques que Stella aprendeu.

Apresentações

Quando acordo na manhã seguinte, vejo uma pequena tromba saindo por entre as barras de ferro do domínio de Stella.

— Olá — diz uma voz limpinha e clara. — Eu sou a Ruby.

Ela acena com a tromba.

— Oi. Eu sou o Ivan.

— Você é um macaco? — pergunta a jovenzinha.

— Com certeza não.

Bob levanta as orelhas, mas mantém os olhos fechados.

— Ele é um gorila — explica meu amigo. — E eu sou um cachorro de origem incerta.

— Por que o cachorro subiu na sua barriga? — questiona Ruby.

— Porque a barriga está aí — murmura Bob.

— Stella está acordada? — pergunto.

— Tia Stella está dormindo. Acho que o pé dela está doendo — Ruby me conta.

Ela vira a cabeça. Seus olhos são como os de Stella: negros e com cílios longos. Lagos sem fundo emoldurados por uma grama alta.

— Que horas é o café da manhã? — ela pergunta.

— Logo — respondo. — Quando o shopping abrir e os funcionários chegarem.

— Onde... — Ruby vira a cabeça para o outro lado. — Onde estão os outros elefantes?

— São só você e Stella — eu explico.

E, por algum motivo, sinto que ela ficou decepcionada.

— E tem outros como você?

— Não — digo. — No momento, não.

Ruby pega um pouco de feno e parece pensativa.

— Você tem uma mãe e um pai?

— Bem... eu tinha.

— Todo mundo tem pais — explica Bob. — É inevitável.

— Antes do circo, eu vivia com minha mãe, minhas tias, minhas irmãs e minhas primas — Ruby conta.

Ela derruba o feno, pega-o novamente, revira-o. E continua:

— Elas morreram.

Fico sem saber o que dizer. Realmente não estou gostando desta conversa, mas posso ver que ela ainda não terminou de falar. Para ser educado, digo:

— Sinto muito por isso, Ruby.

— Os humanos mataram todas elas — Ruby conta.

— E quem mais poderia fazer algo assim? — fala Bob.

E todos nós ficamos em silêncio.

Stella e Ruby

Todas as manhãs, Stella acaricia Ruby, faz afagos, fareja. Elas batem as orelhas. Rugem e urram. Mexem-se como se estivessem dançando. Ruby sobe na cauda de Stella. E desliza debaixo da barriga de Stella.

Às vezes elas apenas se apoiam uma na outra, as trombas entrelaçadas como parreiras selvagens.

Stella parece muito feliz. É mais divertido do que qualquer programa sobre a natureza que eu já tenha visto na TV.



Casa do Grande Ivan

George e Mack estão no acostamento da rodovia. Posso vê-los através de uma das minhas janelas. Estão perto um do outro em altas escadas de madeira apoiadas contra a placa que diz para os carros pararem e visitarem o Grande Ivan, o Poderoso Gorila das costas cinza-prateadas.

George segura um balde e uma vassoura com um cabo enorme. Mack leva alguns pedaços de papel. Ele bate um deles contra a placa. George mergulha a vassoura no balde. Molha o papel com o líquido do balde e, de alguma forma, o papel fica parado onde é colocado.

Eles pregam muitos papéis.

Quando descem das escadas, vejo que colocaram a imagem de uma pequena elefanta na placa. A elefanta tem um sorriso desigual. Ela usa um chapéu vermelho e sua cauda é curvada como a de um porco. Não se parece nada com Ruby.

Aliás, nem sequer parece uma elefanta.

Conheço Ruby há apenas um dia, e ainda assim eu conseguiria desenhá-la melhor.

Aula de educação artística

Ruby faz muitas perguntas. Ela diz:

— Ivan, por que a sua barriga é tão grande?

E também questiona:

— Você já viu uma girafa verde?

E ainda:

— Você poderia conseguir para mim uma daquelas nuvens cor-de-rosa que os humanos estão comendo?

Quando Ruby pergunta o que é aquilo na minha parede, explico que é uma selva. Ela diz que as flores não têm cheiro e que as cachoeiras não têm água e que as árvores não têm raiz.

— Eu sei disso — afirmo. — Isto é arte. Uma imagem criada com tinta.

— Você sabe fazer arte? — pergunta Ruby.

— Sim, eu sei — respondo. E encho o peito, mas só um pouquinho. — Sempre fui um artista. Adoro desenhar.

— Por que você adora desenhar? — ela questiona.

Faço uma pausa. Nunca conversei com ninguém a respeito disso.

— Quando estou desenhando, eu sinto... que meu interior está quieto.

Ruby fica com a testa franzida.

— Quieto é chato.

— Nem sempre.

Ela usa a tromba para coçar a nuca. Então pergunta:

— E o que você desenha?

— Na maioria das vezes, bananas. Coisas que existem no meu domínio. Meus desenhos são vendidos por 25 dólares na loja de presentes. E vêm com moldura.

— O que é uma moldura? — Ruby pergunta. — O que é um dólar? O que é uma loja de presentes?

Fecho os olhos.

— Estou com um pouco de sono, Ruby.

— Você alguma vez dirigiu um caminhão?

Eu não respondo.

— Ivan? — Ruby me chama. — Bob consegue voar?

Uma lembrança surge em minha mente, deixando-me surpreso. Penso em meu pai roncando tranquilamente debaixo do sol enquanto eu fazia todos os meus truques para tentar acordá-lo.

Então percebo que talvez ele não tivesse um sono tão pesado.

Agradinho

— Como está esse pé, velha amiga? — George pergunta a Stella.

Ela passa a tromba por entre as grades de ferro e inspeciona o bolso do lado direito da camisa de George em busca do agradinho que ele traz todas as noites, sem exceção, para ela.

George nem sempre me traz agradinhos. Stella é a preferida dele, mas eu não me importo. Ela também é a minha preferida.

Stella percebe que o bolso está vazio. E usa a tromba para dar um cutucão frustrado no homem. Júlia cai na risada.

Stella procura no bolso esquerdo de George e encontra uma cenoura. E a puxa com agilidade.

Mack passa por perto.

— O vaso do banheiro masculino está entupido — avisa. — Uma sujeira enorme.

—Vou cuidar disso — suspira George.

Mack vira-se para sair.

— Hum, antes que você se vá, Mack — diz George. — Talvez seja bom dar uma olhada no pé de Stella. Acho que está infeccionado outra vez.

— Droga! Essa coisa parece nunca se curar totalmente! — Mack esfrega a mão nos olhos. — Vou ficar de olho. Mas o dinheiro está curto. Não posso ficar chamando o veterinário a cada vez que ela espirrar.

George acaricia a tromba de Stella. Ela inspeciona o bolso mais uma vez, só para ter certeza de que não existe mais nada ali.

— Sinto muito, garota — diz George enquanto observa Mack se distanciar.

Piadas de elefantes

— Ivan? Bob?

Pisco os olhos. O céu do amanhecer é uma massa acinzentada com manchas rosadas, como uma imagem desenhada com dois lápis de cor. Consigo apenas distinguir a forma de Ruby na escuridão, acenando e sacudindo sua tromba.

— Está acordado? — pergunta Ruby.

— Agora estamos — responde Bob.

— Tia Stella ainda está dormindo, e eu não quero acordá-la porque ela disse que seu pé estava doendo, mas estou muito, muito... — Ruby faz uma pausa para respirar. — Muito entediada.

Bob abre um de seus olhos.

— Sabe o que eu faço quando estou entediado?

— O quê? — pergunta Ruby ansiosamente.

Bob fecha os olhos.

— Eu durmo.

— Está um pouco cedo, Ruby — comento.

— Estou acostumada a acordar cedo. — Ruby enrola a tromba em uma das barras de ferro que formam a porta de seu domínio. — No meu circo antigo, sempre nos levantávamos quando ainda estava escuro. Aí tomávamos o café da manhã e andávamos em círculos. E depois eles acorrentavam meus pés, e era

muito dolorido.

Ruby fica em silêncio. No mesmo instante, Bob já está roncando.

— Ivan? — chama Ruby. — Você sabe contar piadas? Gosto especialmente das piadas de elefantes.

— Hum... Bem, deixe-me pensar. Ouvi Mack contar uma dessas piadas uma vez — digo, bocejando. — Vejamos... Como você sabe que um elefante esteve na geladeira?

— Como?

— Ele deixa pegadas na manteiga.

Ruby não reage. Tento me sentar, apoiando-me em meus cotovelos para não perturbar Bob.

— Entendeu?

— O que é uma geladeira? — pergunta Ruby.

— É uma coisa dos humanos. Uma caixa gelada com porta. Eles colocam comida lá dentro.

— Eles colocam comida na porta? Ou comida na caixa? E é uma caixa grande? Ou uma caixa pequena? — Ruby questiona.

Percebo que isso vai levar algum tempo, então me sento completamente. Resmungando, Bob desliza pela minha barriga.

Estendo a mão para segurar o lápis, aquele que, usando os dentes, quebrei na metade.

— Aqui — digo. — Vou desenhar a imagem de uma geladeira.

Por conta da luz fraca, preciso de um minuto para encontrar a folha de papel que Júlia me deu. A página está um pouco úmida e tem um cheiro parecido com laranja. Acho que é tangerina.

Faço meu melhor para desenhar a geladeira. O lápis quebrado não está cooperando, mas faço o que posso.

Quando termino, as primeiras luzes da manhã apareceram em cores vivas como as dos desenhos animados. Seguro meu desenho para Ruby conseguir vê-lo.

Ela o estuda atentamente, virando a cabeça de modo que um olho negro permanece fixo em meu desenho.



— Uau! Você fez isso? Era sobre isso que você estava me falando antes? Arte?

— Exatamente. Posso desenhar de tudo. Sou especialmente bom com frutas.

— Você poderia desenhar uma banana agora mesmo? — pergunta Ruby.

— Sem dúvida.

Viro o papel e começo a rascunhar.

— Uau! — Ruby exclama outra vez, com uma voz impressionada, quando ergo a página. — Parece boa até para comer!

Ela faz um barulho feliz, dando uma risada de elefante. É como aquela canção cantada por um passarinho que ouvi muito tempo atrás, um passarinho amarelo com uma voz que parecia água correndo.

Estranho. Eu tinha me esquecido completamente daquela ave, de como ela me acordava todas as manhãs ao nascer do sol, quando eu ainda estava confortável e seguro perto do corpo da minha mãe.

Ver Ruby dar risada traz uma sensação boa, então faço mais um desenho, e mais um, na lateral da folha de papel: uma laranja, um pedaço de doce, uma cenoura.

— O que vocês dois estão aprontando? — pergunta Stella, gemendo enquanto tenta movimentar o pé inchado.

— Como você está esta manhã? — pergunto.

— Apenas sentindo a idade bater — responde Stella. — Estou bem.

— Ivan está fazendo desenhos para mim — Ruby me conta. — E ele me contou uma piada. Eu gosto muito do Ivan, tia Stella.

Stella pisca com um olho para Ruby.

— Eu também — ela concorda.

— Ivan, quer ouvir minha piada preferida? — pergunta Ruby. — Quem me contou foi Maggie, uma das girafas do meu antigo circo.

— É claro — respondo.

— É mais ou menos assim... — Ruby limpa a garganta. — O que os elefantes têm e ninguém mais tem?

“Uma tromba”, eu penso, mas não respondo porque não quero estragar a diversão de Ruby.

— Não sei, Ruby — é a minha resposta. — O que os elefantes têm e ninguém mais tem?

— Filhotes de elefante — ela diz.

— Essa foi boa, Ruby! — exclamo, observando Stella usar a tromba para acariciar as costas da filhote.

— Essa foi boa! — concorda Stella com uma voz suave.

Filhos

Certa vez, perguntei a Stella se ela já tinha tido filhos.

Ela negou com a cabeça. — Nunca tive a oportunidade.

— Você teria sido uma excelente mãe — afirmo.

— Obrigada, Ivan — Stella agradece, claramente feliz. — Gosto de pensar que sim. Mas cuidar dos mais jovens é uma enorme responsabilidade. Você precisa ensiná-los a tomar banhos de lama e, é claro, enfatizar a importância da fibra na dieta.

Ela desvia o olhar, contemplando.

Elefantes são excelentes em contemplar.

— Acho que a parte mais difícil de ser pai ou mãe seria manter os filhos longe do perigo. Protegê-los — ela acrescenta, depois de um tempinho.

— Como os gorilas das costas cinza-prateadas fazem na floresta — digo.

— Exatamente — concorda Stella.

— Você também seria boa em proteger — afirmo, com confiança.

— Não sei — diz Stella, olhando para as barras de ferro à sua volta. — Não sei, mesmo.

O estacionamento

Mack e George estão tagarelando enquanto o pai de Júlia limpa uma das minhas janelas.

— George — Mack o chama, franzindo a testa. — Tem algo errado no estacionamento.

George suspira. — Vou dar uma olhada assim que terminar a janela. Qual é o problema?

— Tem carros lá, esse é o problema. *Carros*, George! — Mack abre um sorriso. — Acho que as coisas vão mesmo melhorar um pouco. Deve ser a placa. As pessoas veem aquela filhote de elefante e simplesmente sentem a necessidade de parar e gastar seu dinheiro conquistado com tanto suor.

— Espero que sim — comenta George. — Um pouco de dinheiro certamente nos faria bem.

Mack está certo. Tenho percebido mais visitantes desde que ele e George acrescentaram a imagem de Ruby à placa. As pessoas se aglomeram em volta do domínio de Ruby e Stella. E soltam exclamações, impressionadas ao verem uma elefanta tão pequenininha.

Olho para a enorme placa que faz os humanos pararem e gastarem seu dinheiro conquistado com tanto suor. Tenho que admitir que a imagem de Ruby é bonitinha, muito embora não se pareça com um elefante de verdade.

E me pergunto se Mack poderia acrescentar um chapéu vermelho e uma cauda curvada à minha foto. Talvez assim mais visitantes parassem para ver o meu domínio.

Eu me sentiria melhor se elas soltassem exclamações de admiração ao me ver.

A história de Ruby

— Ivan, conte outra piada para mim, por favor! — implora Ruby após o show das duas da tarde.

— Acho que minhas piadas acabaram — admito.

— Uma história, então — sugere Ruby. — Tia Stella está dormindo. E eu não tenho nada para fazer.

Bato o dedo no queixo. Estou me esforçando ao máximo para pensar. Mas, quando olho para o teto aberto da praça de alimentação, fico impressionado com as nuvens da cor de um elefante que correm pelo céu.

Impaciente, Ruby bate os pés.

— Já sei! *Eu* vou contar uma história para *você* — ela diz. — Uma história da vida real.

— Boa ideia — concordo. — Sobre o que é?

— Sobre *mim*. — Ruby abaixa o volume da voz. — É sobre quando caí em um buraco. Um buraco *grandão*. Os humanos o escavaram.

Bob levanta as orelhas e se une a mim na janela. — Sempre gosto de ouvir histórias envolvendo escavações — ele diz.

— Era um buraco enorme e cheio de água, perto de uma vila — conta Ruby. — Não sei como os humanos fizeram aquilo.

— Há momentos em que você precisa escavar simplesmente pelo gosto de escavar — reflete Bob.

— Estávamos procurando comida — continua Ruby. — Minha família e eu. Mas acabei desviando do caminho e me perdendo e chegando perto demais da vila.

Com os olhos arregalados, Ruby olha para mim antes de continuar:

— Fiquei com *tanto* medo quando caí naquele buraco.

— É claro que ficou — digo. — Eu também sentiria medo.

— Eu também — admite Bob. — E olhe que eu *gosto* de buracos!

— O buraco era enorme. — Ruby passa a tromba por entre as grades e faz um círculo no ar. — E adivinhe só! — Ela não espera uma resposta. — A água batia no meu pescoço e eu tive certeza de que iria morrer.

Estremeço.

— E o que aconteceu depois? — pergunto.

— Vou dizer o que aconteceu — fala Bob, sombriamente. — Eles a capturaram e a colocaram em uma caixa e a enviaram para outro lugar, e aqui está. Exatamente como fizeram com Stella. — Ele faz uma pausa para coçar a orelha. — Humanos... Até um rato tem coração maior do que eles. Baratas têm almas melhores. Moscas têm...

— Não, Bob — Ruby o interrompe. — Você está enganado. Os humanos me ajudaram. Quando viram que eu estava presa na água, pegaram cordas e fizeram laços em volta do meu pescoço e da minha barriga. Toda a vila ajudou, até mesmo as crianças e as vovós e os vovôs, e eles me puxaram e puxaram e...

Ruby faz uma pausa. Seus cílios estão úmidos, e eu sei que ela deve estar se lembrando de todas as sensações horríveis daquele dia.

— ... e eles me salvaram — ela termina, sussurrando.

Bob pisca os olhos.

— Eles *salvaram voc*ê? — ele repete.

— Quando eu finalmente estava fora da água, todos comemoraram — lembra Ruby. — Todas as crianças me deram frutas. E depois todos os humanos me levaram de volta para a minha família. Precisaram de um dia inteiro para encontrar minha família.

— Impossível! — exclama Bob, ainda duvidando.

— É verdade — garante Ruby. — Cada palavra do que eu disse é verdadeira.

— É claro que é verdade — afirmo.

— Já ouvi histórias como essa, de resgate, antes. — É a voz de Stella. Ela parece cansada. Lentamente, aproxima-se de Ruby. — Os humanos podem nos surpreender às vezes. Uma espécie imprevisível, esses *Homo sapiens.*

Bob ainda não parece convencido.

— Mas Ruby está aqui agora — ele aponta. — Se os humanos são tão bondosos, quem fez isso com ela?

Lanço um olhar mal-humorado para Bob. Às vezes ele não sabe quando é hora de ficar quieto.

Ruby engole em seco, e receio que ela vá chorar. Mas, quando ela fala, sua voz sai forte.

— Humanos ruins mataram a minha família, e humanos ruins me mandaram para cá. Mas aquele dia, no buraco, foram os humanos que me salvaram. — Ruby encosta a cabeça no ombro de Stella. — Aqueles eram humanos bons.

— Não faz o menor sentido — insiste Bob. — Eu simplesmente não os entendo. Nunca vou entender.

— Eu também nunca vou entender — digo, voltando meu olhar para as nuvens cinzas.

Um sucesso

O pé de Stella dói demais, e ela não consegue fazer nenhum truque no show das duas horas. Ainda assim Mack a empurra, mancando, para dentro do picadeiro, onde ela anda em círculos sobre a serragem.

Ruby a segue como uma sombra. E fica com os olhos arregalados quando Snickers pula nas costas e depois na cabeça de Stella.

No show das quatro da tarde, Stella só consegue chegar até a entrada do picadeiro. Ruby se recusa a sair do lado dela.

No show das sete, Stella fica em seu domínio. Quando Mack vem buscar Ruby, Stella sussurra algo no ouvido dela. Ruby lança um olhar de súplica para Stella, mas, depois de um momento, segue Mack até o picadeiro.

Ruby está sozinha. As luzes fortes a fazem piscar os olhos. Ela bate as orelhas. Solta um barulho baixinho pela tromba.



Os humanos param de comer pipoca. E murmuram. E aplaudem.

Não sei se devo me sentir feliz ou triste.

Preocupação

Depois do show, quando Júlia chega, ela está com três livros grossos, um lápis e uma coisa que ela chama de “canetinhas”.

— Aqui, Ivan — ela diz.

Então, desliza duas canetinhas e uma folha de papel para dentro do meu domínio.

Gosto das cores do pôr do sol, vermelho e roxo. Mas não sinto vontade de colorir. Estou preocupado com Stella. Ela passou a noite toda quieta, e não comeu nem um pouquinho no jantar.

Júlia segue meu olhar.

— Onde está Stella? — pergunta, aproximando-se da jaula das elefantas.

Ruby estende a tromba e Júlia a acaricia.

— Oi, bebezinha — ela diz. — Está tudo bem com Stella?

Stella está deitada em uma pilha de feno velho. Sua respiração parece irregular.

— Papai! — chama Júlia. — Poderia vir aqui um minuto?

George deixa o esfregão de lado.

— Papai, o senhor acha que ela vai ficar bem? — pergunta a garota. — Veja como está respirando. Podemos chamar Mack? Acho que há algo muito errado aqui.

— Ele deve saber o que está acontecendo com ela. — George esfrega a mão no queixo. — Mack sempre sabe. Mas chamar um veterinário custa dinheiro, Jules.

— Por favor! — Os olhos de Júlia estão úmidos. — Chame-o, papai!

George olha para Stella. Ele coloca as mãos no quadril e suspira. Então, chama Mack.

Não consigo ouvir todas as palavras, mas posso ver os lábios de George se apertando em uma linha de preocupação.

As expressões dos humanos e dos gorilas são muito parecidas.

— Mack disse que o veterinário virá de manhã se Stella não estiver melhor — George conta a Júlia. — Ele disse que não vai deixá-la morrer, não depois de todo o dinheiro que gastou com ela.

George acaricia os cabelos da filha.

— Ela vai ficar bem. É uma garota muito forte.

Júlia se senta ao lado do domínio de Stella até chegar sua hora de ir para casa. Não fez a lição de casa. Nem sequer desenhou.

A promessa

Meu domínio brilha com a luz da lua quando acordo ao som dos chamados de Stella.

— Ivan? — ela diz em um sussurro rouco. — Ivan?

— Estou aqui, Stella.

Sento-me de repente e Bob cai da minha barriga. Corro até uma janela. Vejo Ruby ao lado de Stella, dormindo pesadamente.

— Ivan, quero que me prometa uma coisa — diz Stella.

— Qualquer coisa — respondo.

— Nunca pedi para ninguém me prometer nada antes, porque promessas são para sempre. E “para sempre” é um tempo muito longo. Especialmente quando se vive em uma jaula.

— Domínio — eu a corrijo.

— Domínio — ela concorda.

Ajeito o corpo até ficar de pé. — Eu prometo, Stella — garanto, usando uma voz como a de meu pai.

— Mas você nem sequer ouviu o que eu vou pedir — ela diz, e fecha os olhos por um instante.

Seu enorme peito estremece.

— Mesmo assim eu prometo.

Stella não diz nada por um bom tempo.

— Deixe para lá — ela finalmente fala. — Não sei no que estava pensando. A dor está me deixando confusa.

Ruby se revira. Sua tromba se movimenta como se buscasse algo que não está ali.

Quando pronuncio as palavras, elas me surpreendem:

— Você quer que eu cuide de Ruby?

Stella confirma com a cabeça, um leve gesto que a faz gemer.

— Se ela puder ter uma vida que... que seja diferente da minha. Ela precisa de um lugar seguro, Ivan, e não...

— Não aqui — completo.

Seria mais fácil prometer parar de comer, parar de respirar, deixar de ser um gorila.

— Eu prometo, Stella — garanto. — Dou minha palavra de gorila das costas cinza-prateadas.

Eu sei

Antes de Mack, antes de Bob e até mesmo antes de Ruby, eu percebo que Stella vai embora.

Eu sei. Da mesma forma que você sabe que o verão chegou ao fim e que o inverno está a caminho. Eu simplesmente sei.

Stella certa vez me provocou dizendo que os elefantes são superiores porque sentem mais alegria e mais tristeza do que os macacos.

— O coração de vocês, gorilas, é feito de gelo, Ivan — ela disse, seus olhos brilhando.

Neste momento, eu daria todo o iogurte com passas do mundo por um coração feito de gelo.

Cinco homens

Bob ouviu de um rato, um tipo confiável, que eles jogaram o corpo de Stella no caminhão de lixo.

Foram necessários cinco homens e uma empilhadeira.

Conforto

Passei o dia todo tentando confortar Ruby, mas o que eu poderia dizer?

Que Stella teve uma vida boa e feliz? Que viveu como deveria viver? Que morreu ao lado daqueles que mais a amavam?

Pelo menos esta última frase é verdadeira.

Lágrimas

Júlia chora a noite toda enquanto seu pai varre, passa pano, tira a poeira e limpa os banheiros.

Quando George vê Mack, corre até ele. Só consigo ouvir algumas palavras: “Veterinário. Deveria ter. Errado”.

Mack encolhe os ombros. E sai sem dizer uma palavra.

Enquanto George limpa as marcas de dedos no meu vidro, suas bochechas estão úmidas. Ele não me olha nos olhos.

O Grande Ivan

Quando todos os humanos vão embora, peço a Bob para dar uma olhada em Ruby.

— Como ela está? — pergunto.

— Estava tremendo — Bob me conta. — Tentei cobri-la com feno. Disse a ela para não se preocupar, afinal você vai salvá-la.

Lanço um olhar para ele.

— Você *disse isso* a ela?

— Você prometeu a Stella! — Bob abaixa a cabeça. — Eu queria fazer a garota se sentir melhor.

— Eu não devia ter feito essa promessa, Bob. Eu só queria... — Aponto para o domínio de Stella e, por um instante, parece que me esqueci de respirar. — Eu queria deixar Stella feliz, acho. Mas não posso salvar Ruby. Não consigo salvar nem a mim mesmo!

Deito-me de costas. O cimento é sempre frio, mas esta noite ele machuca das costas cinza-prateadas.

Bob pula na minha barriga.

— Você é o Grande Ivan — ele diz. — O Poderoso Gorila das costas cinza-prateadas.

Bob lambe meu queixo. E, desta vez, nem está em busca de restos de comida.

— Diga — ordena Bob.

Desvio o olhar.

— Diga, Ivan.

Não respondo, então Bob lambe meu nariz até eu não suportar mais.

— Sou o Grande Ivan — murmuro.

— E jamais se esqueça disso — ele ordena.

Quando olho para o céu acima da praça de alimentação, a lua que Stella adorava está escondida atrás das nuvens.



Era uma vez

Ruby geme e funga durante toda a noite. Ando de um lado para o outro do meu domínio. Não quero dormir. Ela pode precisar de alguma coisa.

— Ivan — Bob me chama com uma voz suave. — Durma um pouco. Por favor. Por você. E por mim.

Bob não consegue dormir se não for em cima da minha barriga.

Ouço alguém se mexer.

— Ivan? — chama Ruby.

Apresso-me até a janela.

— Ruby? Está tudo bem com você?

— Estou com saudade da Tia Stella — Ruby me conta, chorando.

— E também sinto saudade da minha mãe e das minhas irmãs e das minhas tias e das minhas primas.

— Eu sei — digo, porque isso é tudo em que consigo pensar.

Ruby funga. — Não consigo dormir. Você conhece alguma história como as que Tia Stella conhecia?

— Na verdade, não — admito. — Histórias eram a especialidade de Stella.

— Conte-me uma história de quando você era criança — Ruby pede. Ela passa a

tromba por entre as barras. — Por favor, Ivan.

Coço a nuca.

— Eu não me lembro das coisas, Ruby — admito.

— É verdade — confirma Bob, tentando ajudar. — Ivan tem uma memória terrível. Ele é o oposto dos elefantes.

Ruby solta um suspiro longo e estremecido.

— Está bem. Não tem problema. Boa noite, Ivan. E Bob.

Ouço o choro suave de Ruby por longos e horríveis minutos.

Então ouço a mim mesmo dizendo:

— Era uma vez um gorila chamado Ivan.

E, lenta e decididamente, tento lembrar.

O Urro

Nasci em um lugar que os humanos chamam de África Central, numa floresta densa e tropical tão linda que nenhum lápis de cor do mundo conseguiria recriá-la.

Ao contrário dos humanos, os gorilas não dão nomes aos filhos logo que eles nascem. Primeiro conhecemos nossos bebês. Esperamos para vê-lo dar sinais de como serão.

Quando viram o quanto ela gostava de correr atrás de mim na floresta, meus pais escolheram o nome da minha irmã gêmea: Pega.

Ah, como eu adorava brincar de pega-pega com minha irmã! Ela era ágil, mas, quando eu chegava muito perto, ela pulava no meu pai, que estava desprevenido. Então eu me unia a ela e nós balançávamos em sua barriga enorme até ele nos dar o urro, o barulho firme como o de um porco que significa “Já chega!”.

Aquela brincadeira nunca cansava.

Embora talvez meu pai discordasse de mim.

Barro

Meus pais não precisaram de muito tempo para achar um nome para mim. Ao longo de todo o dia, eu fazia desenhos. Desenhava nas rochas e nos cascos das árvores e nas costas da pobrezinha da minha mãe.

Eu usava os cabinhos das folhas. E o suco das frutas. Mas, acima de tudo, eu usava barro.

E foi assim que eles passaram a me chamar: Barro.

Para um humano, Barro pode não se parecer com nada. Mas, para mim, era tudo.

Protetor

Minha família, chamada pelos humanos de “bando”, era exatamente como qualquer outra família de gorilas. Éramos dez: meu pai, o gorila líder das costas cinza-prateadas; minha mãe e três outras fêmeas adultas; um macho jovem, chamado de “costas negras”; e dois outros jovens gorilas. Pega e eu éramos os bebês do grupo.

Nós brigávamos de vez em quando, como acontece nas melhores famílias. Mas meu pai sabia nos manter na linha apenas fechando a cara. E, na maior parte do tempo, éramos felizes fazendo o que nascemos para fazer: buscar alimentos, comer, dormir e brincar.

Meu pai era mestre em nos guiar até as frutas mais maduras para o nosso banquete da manhã e até os melhores ramos para fazermos nossas camas. Ele era tudo que um gorila das costas cinza-prateadas deve ser: um guia, um mestre, um protetor.

E ninguém sabia bater no peito como ele.

Uma vida perfeita

Os filhotes de gorilas, de elefantes e de humanos não são tão diferentes. A diferença é que um gorila pode passar o dia andando nas costas de sua mãe, como um caubói anda a cavalo. É um sistema bem legal, do ponto de vista do bebê.

Lenta e cuidadosamente, um jovem gorila começa a se aventurar mais e mais longe da segurança dos braços de sua mãe. Ele aprende as habilidades das quais vai precisar quando for adulto: fazer uma cama de ramos (é preciso apertá-los, senão eles se soltam durante a noite); bater no peito (mãos em forma de concha para amplificar o som); trepar de árvore em árvore (e não cair); ser gentil, forte, leal.

O crescimento de um gorila é como o de qualquer outra espécie. Você comete erros, brinca, aprende. E faz tudo outra vez.

E foi, durante algum tempo, uma vida perfeita.

O fim

Certo dia, um dia sem vento, o ar zumbiu e os humanos chegaram.

Videira

Depois que eles capturaram minha irmã e a mim, colocaram-nos em uma caixa apertada e escura, que cheirava a urina e medo.

De alguma forma, eu sabia que, para sobreviver, precisava deixar minha antiga vida morrer. Porém, minha irmã não conseguiu se desligar de nossa casa. Nossa antiga casa a prendia como uma videira de quilômetros de extensão, reconfortando-a, estrangulando-a.

Ainda estávamos em nossa caixa quando ela me olhou, sem conseguir enxergar nada, e eu me dei conta de que a videira finalmente a havia apertado.

O humano temporário

Foi Mack que abriu aquela caixa, que me comprou e que me criou como um bebê humano.

Eu usava fraldas. Bebia em garrafas. Dormia em camas humanas, sentava-me em cadeiras humanas, ouvia enquanto palavras humanas se espalhavam como abelhas furiosas à minha volta.

Naquela época, Mack tinha uma esposa. Helen era a primeira a dar risada, mas também a primeira a ficar furiosa — especialmente quando eu quebrava alguma coisa, o que acontecia com frequência.

Aqui está a lista do que eu quebrei enquanto vivi com Mack e Helen:

1 berço

46 copos

7 abajures

1 sofá

3 cortinas de banho

3 varões de cortinas de banho

1 liquidificador

1 TV

1 rádio

3 dedos (do meu próprio pé)

Quebrei o liquidificador quando coloquei dois tubos de pasta de dente e um tubo de cola dentro do copo. Quebrei meus dedos tentando me balançar em um lustre no teto. Quebrei 46 copos... Bem, há muitas formas de quebrar um copo.

Todos os fins de semana, Mack e Helen me levavam em seu carro conversível

até um restaurante *fast-food*, onde pediam fritas e milk-shake de morango. Mack adorava ver a expressão no rosto do caixa quando chegava e dizia: “Você poderia colocar um pouco mais de ketchup para o meu garotão?”.

Fui a jogos de beisebol, ao supermercado, ao cinema e até mesmo ao circo. (Eles não tinham um gorila.) Passeei em uma pequena motocicleta e soprei velas no meu bolo de aniversário.

Minha vida como humano era glamorosa. De qualquer forma, meus pais — meus pais de verdade — jamais aprovariam algo desse tipo.



Fome

Em minha nova vida, sendo criado como humano, fui bem educado. Comia folhas de alface com molho, maçã do amor e pipoca com manteiga. Minha barriga ficou enorme!

Mas a fome, assim como os alimentos, vem de muitas formas e cores. À noite, deitado sozinho e usando meu pijama do Ursinho Pooh, eu sentia fome do toque carinhoso de um amigo, dos rugidos alegres de uma luta divertida, da segurança tranquila que eu teria com meu bando por perto, da procura de alimentos debaixo da sombra das árvores.

“Lembre-se do que aconteceu com Pega”, eu dizia a mim mesmo. “Não pense na floresta.”

Mesmo assim, às vezes eu ficava acordado e desejando o calor de outro gorila como eu, desejando dormir em uma cama de folhas suaves sob a noite.

Eu gostava de quando colocavam goles de refrigerante em minha boca, como se fosse uma cachoeira borbulhando. Mas, de vez em quando, surgia a vontade de buscar uma boa araruta, de sentir as provocações de uma manga que estava fora do meu alcance.

Natureza morta

Certo dia, Helen voltou para casa com uma coisa grande e reta embrulhada em papel marrom.

— Vejam o que eu comprei hoje! — ela anunciou animadamente enquanto rasgava o embrulho. — Um quadro para combinar com o sofá da sala de estar.

— Frutas em uma vasilha... — constatou Mack, dando de ombros. — Grande coisa.

— Isso é arte. E se chama “natureza morta” — explicou Helen. — E eu acho linda!

Passei o dedo para examinar a pintura, fiquei impressionado com as cores e formas.

— Está vendo? — comentou a esposa de Mack. — Ivan gostou.

— Ivan gosta de fazer bolinhas de cocô e jogá-las em esquilos — respondeu Mack.

Eu não conseguia afastar os olhos das maçãs, bananas e uvas na imagem. Elas pareciam tão verdadeiras, tão convidativas, tão... comestíveis.

Estendi o braço para tocar a uva, mas Helen deu um tapa em minha mão.

— Garotinho mau, Ivan! Não encoste nisso!

Ela sacudiu o polegar para Mack.

— Querido, vá buscar um martelo e um prego, por favor.

Enquanto Mack e Helen estavam ocupados na sala de estar, eu fiquei andando pela cozinha. Havia um bolo com uma cobertura de chocolate espessa e crocante no balcão.

Eu gosto de bolo. Aliás, amo bolo! Mas naquele momento eu não estava pensando em comer, e sim em pintar.

A superfície da cobertura parecia subir e baixar como as ondas em um laguinho. Parecia gostosa e grudenta, escura e suave.

Parecia barro.

Peguei um punhado da cobertura. E depois mais um.

Fui até a porta da geladeira. Era perfeita: uma tela vazia, em branco, à espera.

Não era tão fácil trabalhar com a cobertura do bolo quanto era trabalhar com o barro da floresta. A cobertura era mais grudenta e, obviamente, dava mais vontade de comer.

Mas eu continuei firme. Raspei até o último pedaço daquela cobertura. E devo ter comido um pedacinho de bolo também.

Não lembro o que eu estava tentando pintar. Muito provavelmente uma banana. Acho que eu sabia que aquilo me traria problemas.

Mas, naquele momento, simplesmente não me preocupei. Eu queria fazer alguma coisa, qualquer coisa, como eu costumava fazer.

Queria ser um artista outra vez.

Castigo

Logo descobri que os humanos podem gritar ainda mais alto do que os gorilas.

Depois disso, nunca mais me deixaram entrar na cozinha.

Bebês

Naqueles tempos, o Grande Shopping era menor. Tinha um passeio de pônei, um trenzinho de madeira que dava a volta no estacionamento, alguns papagaios capengas e um macaco-aranha ranzinza.

Porém, quando Mack me levou (um bebê gorila usando um smoking chique) ao shopping, tudo mudou.

As pessoas vinham de longe para tirar fotos comigo. Traziam blocos de montar de presente para mim e chegaram a me presentear com uma guitarra de brinquedo! Elas me seguravam no colo. Certa vez, até me deixaram segurar um bebê!

A criancinha era pequena e escorregadia. Saíam bolhas de seus lábios. Ela apertou meu dedo. Seu bumbum estava inchado com uma espécie de almofada. As perninhas, dobradas como gravetos inclinados.

Fiz uma careta. Ela fez uma careta. Eu gemi. Ela gemeu.

Fiquei com tanto medo de ela cair que a apertei com força. E sua mãe a arrancou de mim.

Eu me pergunto se minha mãe se preocupava com a possibilidade de nós cairmos no chão. Sempre nos segurávamos a ela, mas é mais fácil fazer isso quando sua mãe é peluda.

Bebês humanos são muito feios. Mas os seus olhos são como olhos de bebês.

Grandes demais para o rosto e para o mundo.

Camas

Certo dia, após muitas semanas de conversa em voz alta, Helen fez as malas, bateu a porta da frente e nunca mais voltou.

Eu não sei o motivo. Nunca sei os motivos dos humanos.

Naquela noite, dormi com Mack em sua cama.

Minhas antigas camas eram um emaranhado de folhas e gravetos. Tinham a forma da banheira de Mack, como casulos verdes e frescos.

A cama de Mack, como a minha, era lisa, quente, sem gravetos e sem vista para as estrelas.

De qualquer forma, enquanto dormia, ele fazia um barulho que parecia o rugido do meu pai quando tudo estava bem. Um barulho que vem do fundo da barriga.

Meu lugar

Mack se tornou amargo. Eu fiquei grande. E me transformei no que nasci para ser: grande demais para cadeiras, forte demais para abraços, grande demais para a vida humana.

Eu tentava permanecer calmo, tentava me movimentar com dignidade. Fazia o possível para comer com delicadeza. Mas é difícil aprender os modos humanos, especialmente se você não é humano.

Quando vi meu novo domínio, fiquei contente. E quem não ficaria? Não havia móveis ou vidros para quebrar. Nenhum vaso sanitário para eu derrubar as chaves de Mack dentro.

Tinha até um balanço de pneu!

Fiquei aliviado por ter meu próprio espaço.

De alguma forma, eu não percebi que passaria tempo demais aqui.

Agora eu bebo Pepsi, como maçãs velhas, assisto a reprises na TV.



Mas, em vários dias, esqueço-me do que eu supostamente sou. Sou humano? Sou gorila?

Os humanos têm tantas palavras. Mais do que precisam.

E, mesmo assim, eles não têm um nome para o que eu sou.

9.876 dias

Ruby finalmente está dormindo. Vejo seu peito subir e descer. Bob também está roncando.

Minha mente, porém, continua acelerada. Talvez pela primeira vez na vida, estou me lembrando das coisas.

É uma história esquisita de lembrar, devo admitir. Uma história de estrutura estranha: um começo fraco, um meio sem fim.

Eu conto os dias que vivo com os humanos. Os gorilas contam tão bem quanto qualquer um, embora esta não seja uma habilidade particularmente útil na selva.

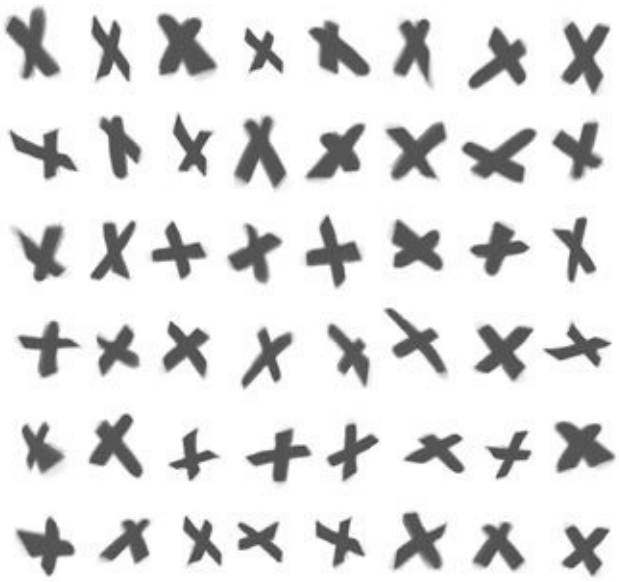
Tinha me esquecido de tantas coisas... Mesmo assim, consigo me lembrar de quantos dias precisamente já passei em meu domínio.

Uso uma das canetinhas que Júlia me deu. Faço um X, um X pequeno, na parede pintada com imagens da selva.

Faço mais um X, e mais um. Faço um X a cada dia de vida com os humanos.

Minhas marcas têm esta aparência: 

No resto da noite, marco os dias. E, quando termino, minha parede tem esta aparência:



E assim por diante, até a letra X ter sido marcada 9.876 vezes pela parede, como um desfile de insetos feios.

Uma visita

Já é quase de manhã quando ouço passos. É Mack. Ele tem um cheiro forte. E está cambaleando.

Mack para perto do meu domínio. Seus olhos estão avermelhados. Ele olha pela janela, para o estacionamento vazio.

— Ivan, meu rapaz — murmura. — Ivan...

Ele pressiona a testa contra o vidro antes de continuar:

— Passamos por muitas coisas, você e eu.

Recomeçar

Não vemos Mack há dois dias. Quando ele volta, não fala sobre Stella.

Mack diz que está ansioso para ensinar alguns truques a Ruby. Diz que a placa na rodovia está trazendo mais visitantes. E que é hora de recomeçar.

Durante toda a tarde e o começo da noite, ele trabalha com Ruby. Os pés dela estão presos com cordas, para que ela não possa correr. Mack lhe mostra a bola, o pedestal, o banco de Stella. E apresenta Snickers.

Quando Ruby obedece, Mack lhe dá um cubo de açúcar ou um pouco de maçã desidratada. Quando ela não obedece, ele grita e chuta a serragem.

Quando George e Júlia chegam, Mack ainda está treinando Ruby. Júlia se senta em um banco e os observa. Ela desenha um pouco, mas passa a maior parte do tempo de olho em Ruby.

Bob também observa. Está escondido no canto do meu domínio, debaixo de Não Pega. Chove lá fora, e Bob não gosta de ficar com os pés molhados.

Cabisbaixa, Ruby trota atrás de Mack. Andam infinitamente em círculos, em volta do picadeiro. Às vezes Mack estapeia o traseiro da jovenzinha.

De repente, Ruby para. Mack puxa a corrente com força, mas a pequena elefanta se recusa a se movimentar.

— Vamos lá, Ruby — Mack está quase implorando. — Qual é o seu problema?

“Ela está exausta”, digo a mim mesmo. “Esse é o problema.”

Mack urra:

— Elefanta idiota!

— Humano idiota! — murmura Bob.

— Ande, Ruby — digo, embora eu saiba que ela está longe demais para conseguir me ouvir. — Faça o que ele está pedindo.

— Ande — ordena Mack. — Agora!

Ruby não anda. Ela joga o traseiro na serragem que reveste o chão.

— Acho que ela pode estar cansada — sugere Júlia.

Mack seca o suor na testa com as costas da mão.

— Sim, eu sei. Todos nós estamos cansados.

Ele empurra Ruby com o calcanhar. Ela o ignora.

George, que está limpando as mesas da praça de alimentação, observa. — Mack — ele grita. — Talvez seja melhor encerrar por hoje. Já vou fechar.

Mack puxa a corrente de Ruby. Ela está tão parada quanto um tronco de árvore. Ele puxa com mais força e cai de joelhos.

— Já chega! — esbraveja Mack, limpando a serragem que caiu em sua calça. — Cansei dessa brincadeira!

Mack dá passos pesados rumo ao escritório. Quando retorna, traz consigo uma vara longa. O anel brilhante na ponta é quase bonito, como o brilho da lua.

É um chicote.

Mack cutuca Ruby com a ponta afiada. Não usa a força. Apenas um toque.

Posso ver que ele quer que minha amiga saiba o quanto aquilo pode ferir.

Da minha garganta sai um rugido baixo.

Ruby não se mexe. Ela é como uma pedra cinza e sem movimento. A elefanta fecha os olhos e, por um instante, eu me pergunto se ela teria caído no sono. — Estou avisando — fala Mack.

Ele expira e olha para o teto.

Ruby bufa.

— Está bem — ele diz. — Você quer brincar desse jeito?

Ele puxa o chicote para trás.

— Não! — grita Júlia.

— Não vou feri-la — garante Mack. — Só quero que ela preste atenção.

Bob rosna.

Mack oscila. A ponta do chicote corta o ar poucos centímetros acima da cabeça de Ruby.

— Está vendo por que você não vai querer me provocar? — ele ameaça, puxando o chicote novamente para trás. — Agora, *mexa-se!*

Ruby sacode a cabeça, lançando a tromba na direção de Mack.

Ela faz um barulho que leva a serragem a se espalhar. E que faz meu vidro estremecer.

É a raiva mais bonita que já ouvi.

A tromba de Ruby acerta Mack.

Não vejo exatamente onde ela o acerta (em algum ponto abaixo da barriga, acredito), mas sei que ele deve estar sentindo algum desconforto, pois solta o chicote, cai no chão, contorce o corpo e geme como um bebê.

— Golpe certeiro! — exclama Bob.

Pobre Mack

Mack urra. Com dificuldade, coloca-se de pé e se arrasta até o escritório. Ruby o vê ir embora. Não consigo compreender a expressão dela. Está com medo? Aliviada? Orgulhosa?

Quando Mack vai embora, George e Júlia levam Ruby para fora do picadeiro.

— Está tudo bem, querida. Está tudo bem — afirma Júlia, acariciando a cabeça da elefanta.

Eles a colocam em seu domínio e verificam se ela tem água fresca e comida. Logo a filhotinha está cochilando.

— Pai? — Júlia chama enquanto George fecha a porta de ferro de Ruby. — Você acha que Mack seria capaz de ferir Ruby?

— Acho que não, Jules — responde George. — Pelo menos espero que não.

— Talvez devêssemos chamar alguém.

George coça o queixo. — Eu gostaria de poder ajudar Ruby, mas não sei como. Quero dizer, quem eu poderia chamar? A polícia dos elefantes? — George fica cabisbaixo: — Além disso, preciso deste emprego, Jules. *Nós* precisamos. Sua mãe, as contas do médico...

Ele beija a cabeça da filha antes de continuar:

— Voltemos ao trabalho. Você e eu, nós dois!

Júlia suspira e pega a mochila. Puxa uma folha de papel, uma garrafa de água e uma pequena caixa metálica.

— Primeiro a lição de casa — avisa George, sacudindo o dedo. — Depois você pode pintar.

— É para a aula de educação artística — explica a garota. — Estamos trabalhando com guache. Vou pintar Ruby.

George sorri. — Está bem, então. Só não se esqueça dos exercícios de ortografia!

— Pai? — Júlia chama outra vez. — O senhor viu o rosto de Mack quando Ruby o acertou?

George faz que sim com a cabeça.

— Sim — ele diz, solenemente. — Eu vi. Pobre Mack... — complementa, sacudindo a cabeça.

Ele dá meia-volta e só então eu o ouço rir.

Cores

Júlia abre a caixa de metal. Vejo uma fileira de pequenos quadrados. Verde, azul, vermelho, preto, amarelo, roxo, laranja: as cores parecem brilhar!

Ela puxa um pincel com a ponta bem fina. Mergulha-o na água e molha o papel. Depois o bate na tinta vermelha.

Quando o pincel encontra o papel úmido, pétalas rosadas de cor se abrem como as flores da manhã.

Não consigo afastar meus olhos daquele pincel mágico. Por um momento, não penso em Ruby, nem em Mack, nem no chicote, nem em Stella.

Quase.

Júlia toca no vermelho outra vez. Depois no azul. E ali surge, de repente, o roxo de uma uva madura. Ela trabalha com o azul e deixa o papel como o céu do verão. Preto e branco, e agora vejo que Júlia está pintando Ruby. Posso distinguir as orelhas grandes, as pernas grossas.

A garotinha para de pintar. Com as mãos na cintura, dá alguns passos para trás e analisa seu trabalho.

Ela faz uma careta.

— Não está certo.

Júlia olha por sobre o ombro, na minha direção. Tento parecer encorajador.

Ela começa a amassar o papel, mas logo repensa. Em vez disso, desliza-o para dentro da minha caverna, passando-o pelo buraco no vidro.

— Aqui está — ela diz. — Uma obra original da Júlia. Vai valer milhões um dia.

Pego rapidamente o papel. Não como nem um pedacinho sequer dele.

— Ah, ei... quase esqueci.

Júlia corre até a mochila e pega três potes de plástico: um amarelo, um azul e um vermelho.

Ela abre os potes, e um cheiro estranho, que não é de comida, chega ao meu nariz. Júlia passa os recipientes, um a um, pela abertura. E em seguida me dá também algumas folhas de papel.

— Isso é para algo que se chama “pintura a dedo” — ela explica. — Minha tia me deu, mas, para falar a verdade, estou um pouco grandinha demais para esse tipo de pintura.

Coloco meu dedo no pote vermelho. A tinta é espessa como lama. É fresca e suave como a sensação de quando pisamos em uma banana.

Coloco o dedo na boca. Não é exatamente como manga madura, mas não é ruim.

Júlia dá risada.

— Não é de comer. É para pintar.

Júlia segura uma folha de papel e pressiona o dedo contra ela.

— Está vendo? Assim.

Coloco meu dedo em uma folha de papel. Ergo-o e vejo uma marca vermelha ali.

Pego mais tinta no pote e bato a mão na página. Quando afasto a palma do papel, uma marca vermelha fica para trás.

Não é exatamente como as marcas de mãos fantasmagóricas em meu vidro, aquelas que meus visitantes deixam para trás.

Essa marca de mão não pode ser facilmente apagada.



Um pesadelo

Estou deitado, mas acordado, limpando a tinta vermelha seca das pontas dos dedos. Bob, que acidentalmente andou por cima de uma das minhas pinturas, agora lambe suas patas vermelhas.

De vez em quando, olho para o picadeiro vazio. O chicote brilha sob a luz da lua.

— Pare! Não! — Os gritos frenéticos de Ruby me assustam.

— Ruby — eu a chamo. — É só um pesadelo. Está tudo bem. Você está segura.

— Cadê a Stella? — ela pergunta, engolindo ar.

Antes que eu possa responder, ela mesma diz:

— Deixa pra lá. Agora me lembrei.

— Volte a dormir, Ruby — aconselho. — Você teve um dia ruim.

— Não posso voltar a dormir — ela diz. — Tenho medo de voltar a ter o mesmo sonho. Com uma vara afiada que me feria...

Olho para Bob, que me encara

— Ah — lamenta Ruby. — Ah. Mack.

Antes de continuar, ela passa a tromba por entre as barras de ferro.

— Você acha que... — E hesita. — Você acha que Mack está nervoso comigo porque eu o machuquei hoje?

Penso em mentir, mas gorilas são péssimos em contar mentiras.

— Provavelmente — por fim respondo.

— Ele fugiu depois daquilo — comenta Ruby.

Bob dá uma risada irônica.

— Se arrastou para longe, eu diria.

Ficamos quietos por um tempo. Os galhos se esfregam contra o telhado. Uma chuva leve tamborila. Um dos papagaios murmura algo enquanto dorme.

Ruby quebra o silêncio.

— Ivan? Sinto um cheiro curioso.

— Ele não pode fazer nada para evitar — comenta Bob.

— Acho que ela está se referindo às tintas para pintura a dedo que Júlia me deu — digo.

— O que é pintura a dedo? — questiona Ruby.

— Você pinta com os dedos — explico.

— Você vai fazer uma pintura minha?

— Talvez algum dia.

Lembro-me do desenho de Júlia, aquele que um dia valerá um milhão de dólares. Ajeito-o contra o vidro.

— Olhe. É você. Foi Júlia quem fez.

— É difícil ver — Ruby fala. — A luz da lua está fraca. Por que eu tenho duas trombas?

Eu examino a figura.

— Esses são os pés.

— Por que eu tenho dois pés?

— Isso se chama “licença artística” — conta Bob.

Ruby suspira e pede: — Você poderia me contar outra história? Acho que não vou conseguir voltar a dormir.

— Já contei todas as que eu lembrava — respondo, encolhendo inutilmente os ombros.

— Então me conte uma história nova — ela insiste. — Invente alguma coisa.

Tento pensar, mas minha mente só consegue se lembrar de Mack e seu chicote.

— Algum resultado? — pergunta Ruby.

— Estou tentando.

— Ivan? Bob disse que você vai me salvar.

— Eu... — Busco palavras verdadeiras. — Eu também estou tentando fazer isso.

— Ivan? — Ruby chama em uma voz tão baixa que mal consigo ouvi-la. — Tenho mais uma pergunta.

Pelo som de sua voz, posso ver que vai ser uma pergunta que eu não quero responder.

Ruby bate a tromba contra as barras enferrujadas de sua porta.

— Você acha que eu vou morrer neste domínio algum dia, como aconteceu com a tia Stella?

Mais uma vez, penso em mentir, mas, quando olho para Ruby, as palavras quase formadas morrem em minha garganta. Em vez delas, digo: — Não se eu puder evitar.

Sinto algo se apertar em meu peito, algo sombrio e quente.

— E não é um domínio — acrescento.

Faço uma pausa e finalmente concluo:

— É uma jaula.

A história

Olho para o picadeiro coberto de serragem fresca. Olho para a luz do céu, para a lua parcialmente escondida.

— Acabei de pensar em uma história — digo.

— É uma história inventada ou verdadeira? — pergunta Ruby.

— Verdadeira — digo. — Eu espero que seja.

Ruby se inclina contra as barras. Seus olhos refletem a luz clara da lua, como as águas paradas de uma represa refletem as estrelas.

Então eu continuo:

— Era uma vez uma filhote de elefante. Ela era esperta e corajosa, e precisava ir para um lugar chamado “zoológico”.

— O que é um zoológico? — pergunta Ruby.

— Zoológico, Ruby, é o lugar onde os humanos fazem as pazes com a gente. Um bom zoológico é um lugar onde os humanos cuidam dos animais e os mantêm seguros.

— A bebê elefante foi para o zoológico? — pergunta Ruby, com uma voz suave.

Inicialmente, não respondo. Por fim, digo:

— Sim.

— Como ela chegou lá? — Ruby questiona.

— Ela tinha um amigo — conto. — Um amigo que fez uma promessa.

Como

Foi necessário muito tempo, mas Ruby finalmente voltou a dormir.

— Ivan — sussurra Bob, bocejando. — Aquilo que você disse... sobre o zoológico. Como vai fazer aquilo?

De repente, sinto-me como se eu pudesse dormir durante mil dias.

— Não sei — admito.

— Você vai pensar em algo — diz Bob, cheio de confiança, sua voz se espalhando enquanto os olhos se fecham.

— E se eu não conseguir? — pergunto.

Mas Bob já está dormindo.

Seus pés vermelhos se debatem, e eu sei que, em seus sonhos, ele está correndo.

Lembranças

Bob e Ruby continuam dormindo.

Eu não durmo. Penso na promessa que fiz a Stella e nos desenhos que fiz para Ruby. E me lembro.

Lembro-me de tudo.

O que eles fizeram

Estávamos dependurados em nossa mãe, minha irmã e eu, quando os humanos a assassinaram.

Em seguida, atiraram em meu pai.

Então, cortaram as mãos, os pés e a cabeça dos meus pais.

Mais uma coisa para comprar

Tem uma loja embolorada e cheia de coisas perto da minha gaiola.

Eles vendem cinzeiros ali. Cinzeiros feitos com mãos de gorila.

Outro Ivan

Quando a manhã chega e o estacionamento é tomado pelo orvalho, vejo a placa na rodovia.

Lá estou eu: o Grande Ivan, banhado na luz rosada do amanhecer. Com a testa franzida e os punhos fechados, eu pareço muito furioso.

Pareço meu pai no dia em que os humanos chegaram.

Acredito que eu seja do tipo pacífico. Na maior parte do tempo, vejo o mundo passar diante de mim e penso em sonecas e bananas e iogurte com passas.

Mas, dentro de mim, escondido, existe outro Ivan.

Um Ivan capaz de arrancar os braços e as pernas de um homem.

Na fração de segundo que a língua de uma cobra leva para saborear o ar, esse outro Ivan poderia saborear a vingança.

Esse é o Ivan da placa.

Olho para o Grande Ivan, para a imagem apagada de Stella, e me lembro de George e Mack nas escadas, acrescentando a figura de Ruby para trazer mais visitantes ao Grande Shopping e Fliperama da Saída 8.

Lembro-me da história que Ruby contou, aquela em que os moradores de uma vila apareceram para resgatá-la.

Ouço a voz bondosa e sábia de Stella: “Os humanos podem nos surpreender às vezes”.

Olho para meus dedos, cobertos de tinta vermelha como sangue, e sei como poderei cumprir minha promessa.

Dias

Durante os dias, eu espero. Durante as noites, desenho.

E me preocupo quando Mack leva Ruby ao picadeiro.

Agora ele carrega o chicote consigo o tempo todo.
Mas não o usa. Não precisa usar.

Ruby não está mais reagindo. Ela faz o que Mack manda.

Noites

Fecho os olhos. Mergulho os dedos na tinta.

Quando termino uma folha de papel, deixo-a de lado para secar.

O desenho é muito pequeno, apenas uma folha. E vou precisar de muitos deles.

Então faço o próximo, e o próximo, e o próximo.

É um quebra-cabeça gigante, e eu estou produzindo as peças uma a uma.

Quando amanhece, meu chão está coberto de pinturas.

Escondo-as debaixo da minha piscina de água suja antes que Mack possa vê-las. Não quero que elas acabem indo parar na loja de presentes e sejam vendidas por 20 dólares cada peça (ou 25 dólares com a moldura).

Essas obras são para Ruby. Todas elas.

Projeto

— Ivan — Ruby me chama certa manhã enquanto tento cochilar. — Por que você anda tão sonolento durante o dia?

— É porque eu venho trabalhando em um projeto durante as noites — conto a ela.

— O que é um projeto?

— É... uma coisa... uma pintura. Uma imagem sua, na verdade — respondo.

Ruby parece contente.

— Posso vê-la?

— Ainda não.

Irritada, Ruby cutuca seu pé amarrado. Ela respira fundo.

— Ivan? Eu tenho que participar dos shows com Mack hoje?

— Receio que sim. Sinto muito, Ruby.

Ela enfia a tromba no balde de água.

— Tudo bem — diz. — Eu já sabia a resposta.

Não está certo

É noite outra vez e todos estão dormindo. Olho para a pintura que fiz, uma de uma dúzia delas.

Está manchada e rasgada, um borrão.

Coloco-a ao lado das outras imagens alinhadas no chão da minha jaula.

As cores estão erradas. As formas também. Não se parece com nada.

Não é o que eu estou tentando criar. Não é o que deveria ser.

Não está certo, e eu não sei por quê.

Do outro lado do estacionamento, a placa dá as boas-vindas, como sempre faz: “VISITE O SAÍDA 8, GRANDE SHOPPING E FLIPERAMA. CASA DO GRANDE IVAN, O PODEROSO GORILA DAS COSTAS CINZA-PRATEADAS!”.

Se eu pudesse usar palavras humanas para dizer o que preciso dizer, tudo seria tão mais fácil.

Em vez delas, tenho meus potes de tinta e minhas folhas ásperas.

Suspiro. As pontas dos meus dedos da mão brilham como as flores da selva.

Tento mais uma vez.

Indo a lugar nenhum

Vejo Ruby caminhar penosamente em círculos infinitos pelo picadeiro, sem ir a lugar nenhum.

Temos recebido mais visitantes, mas não muitos. Mack diz que Ruby não está fazendo seu trabalho direito. Disse que vai reduzir nossa comida. E que vai desligar o aquecedor durante a noite para economizar dinheiro.

Ruby me parece mais magra, mais enrugada do que Stella jamais estivera. — Você acha que Ruby está comendo o suficiente? — pergunto a Bob.

— Não sei. Mas lhe digo uma coisa: você certamente está pintando o suficiente. — Bob repuxa o nariz. — Esse fedor é terrível. E encontrei tinta amarela na minha cauda hoje de manhã.

Bob não está feliz com as pinturas que ando fazendo durante a noite. Ele diz que isso não é natural

Agora, enquanto trabalho na minha arte, meu amigão dorme em cima de Não Pega. Ele alega que a prefere porque ela não ronca. Diz que a barriga dela não sobe e desce, movimento que o deixa enjoado.

— O que é esse seu plano, afinal? — pergunta Bob. — Se me explicasse, eu poderia ajudá-lo. — Ele mordisca a própria cauda. — Talvez eu pudesse contribuir com alguma ideia que não envolvesse, você sabe... tinta.

— Não posso explicar. É uma ideia da minha cabeça, mas não consigo pensar em como fazê-la funcionar. E, de qualquer forma, estou quase sem material. Eu devia ter imaginado que ficaria sem.

Chuto meu balanço de pneu, que está salpicado com gotículas de tinta azul.

— É uma ideia idiota — continuo.

— Duvido — Bob me contraria. — Fedorenta? Sim. Idiota? Jamais.

Caras malvados

Durmo a maior parte do dia. No final da tarde, Mack aparece.

Bob desliza debaixo de Não Pega. Prefere se manter discreto quando Mack está por perto.

O olhar de Mack desliza na direção da minha piscina. O canto de uma das minhas pinturas se torna visível.

— O que é isso, garotão? — ele pergunta.

Eu como calmamente uma laranja, ignorando-o, mas meu coração está acelerado.

Mack chuta minha piscina de plástico para o lado. Debaixo dela estão todas as pinturas.

Ele puxa uma folha de papel. Ela desliza facilmente, mas Mack parece não perceber as demais pinturas.

A página tem uma faixa verde, que é o que acontece quando as tintas azul e amarela são misturadas. O verde é um caminho de grama.

— Nada mau. Onde você arrumou essas tintas? Com a filha do George? — Ele pensa um pouco. — Aposto que posso ganhar uns 35 dólares com esta, talvez até 40.

Mack liga minha TV. Está passando um faroeste. Tem um humano com um chapéu grande e uma arma pequena. Ele tem uma estrela brilhante presa no peito. Isso significa que é o xerife e que vai se livrar de todos os caras malvados.

— Se vendermos esta rapidamente, vou arrumar mais dessa tinta para você,

rapaz! — diz Mack.

Ele vai embora com a minha obra. A pintura de Ruby. Por um momento, penso que gostaria de ser o xerife.



A propaganda

— Boa notícia, hein? — diz Bob quando Mack está distante. — Parece que você vai receber um pouco mais de material.

— Eu não quero pintar para Mack — afirmo. — Estou pintando para Ruby.

— Você pode fazer as duas coisas — fala Bob. — Afinal de contas, é um artista.

Enquanto assisto ao filme, tento pensar em um novo esconderijo para minhas pinturas. Acho que eu poderia dobrá-las, quando estiverem secas, e colocá-las dentro de Não Pega.

O filme é longo. No final, o xerife se casa com a dona do *saloon,* que é um espaço de reunião para humanos, mas não para cavalos.

Há muito tempo eu não assistia a um faroeste que também era uma história de amor.

— Gostei desse filme — comento com Bob.

— Tem cavalos demais e cães de menos — ele palpita.

Uma propaganda começa.

Eu não entendo os anúncios. Não são como os faroestes, nos quais você sabe quem é o cara ruim. E os comerciais raramente são românticos, exceto quando o homem e a mulher estão escovando os dentes antes de lamberem o rosto um do outro.

Vejo uma propaganda de um desodorante para ser passado debaixo do braço.

— Como você sabe quem é quem se eles não tiverem cheiro? — pergunto a Bob.

— Os humanos fedem — ele responde. — Eles só não percebem porque seus narizes não funcionam direito.

Outro anúncio começa. Vejo crianças e seus pais comprando ingressos, exatamente como os ingressos que Mack vende aqui. Eles dão risada e tomam sorvete enquanto andam por um caminho.

Param para observar dois felinos com cara de sonolentos — felinos enormes e listrados, dormindo em uma área grande coberta de grama.

Tigres. Eu sei porque certa vez os vi em um programa de TV sobre a natureza.

Palavras piscam na tela. E elas vêm acompanhadas por uma girafa vermelha. A girafa desaparece e eu vejo uma família humana olhando para outro tipo de família. Elefantes. Idosos e jovens. Estão cercados por rochas e árvores e grama e espaço para andar.

É uma jaula selvagem. Um zoológico. Vejo onde ele começa e onde termina, as paredes que dizem que você é isso e que nós somos aquilo e que é assim que sempre será.

Não é um lugar perfeito. Em poucos segundos, enquanto o anúncio passa na TV, já posso perceber. Um lugar perfeito não precisaria de paredes.

Mas é o lugar de que eu preciso.

Observo os elefantes e depois deslizo o olhar para Ruby, pequena e solitária.

Antes do fim do anúncio, tento me lembrar de cada detalhe. Rochas, árvores, caudas e trombas.

É a imagem que eu preciso pintar.

Imaginando

Agora, quando eu pinto é diferente.

Não estou desenhando o que vejo à minha frente, coisas como uma banana ou uma maçã, por exemplo. Estou pintando o que vejo na minha cabeça. Coisas que não existem.

Pelo menos, não ainda.

Não Pega

Arranco a espuma do interior de Não Pega. Cuidadosamente, preencho-a com minhas pinturas, escondendo-as para que Mack não as venda. Não Pega é grande, maior do que Bob, mas, ainda assim, acabo tendo que amassar alguns dos papéis.

Bob tenta se ajeitar no colo dela para tirar uma soneca.

— Você a matou — ele resmunga.

— Precisei fazer isso — justifico.

— Sinto saudade da sua barriga, meu amigo — Bob admite. — Ela é tão... espaçosa.

Quando Júlia chega, percebe que usei toda a minha tinta e todo o papel. — Uau! — ela exclama, sacudindo a cabeça. — Você é mesmo um grande artista, Ivan!

Mais uma coisa

Minha pintura a dedo foi vendida por 40 dólares (com a moldura). Mack está feliz. Ele me traz uma enorme pilha de papel e grandes baldes de tinta.

— Ao trabalho — ele diz.

Faço pinturas para Mack durante o dia e para Ruby à noite.

Cochilo quando posso.



Porém, a obra que faço à noite está com algum problema. Ela é grande, não resta dúvida. Quando coloco todas as peças lado a lado no chão da minha jaula, o cimento fica quase totalmente coberto.

Mas ainda falta alguma coisa.

Bob diz que eu estou louco.

— Ali está Ruby — ele constata, apontando com o nariz. — Ali, o zoológico. Tem outros elefantes. O que há de errado?

— Precisa de mais alguma coisa — afirmo.

Bob geme.

— Você está sendo um artista temperamental. O que mais poderia estar faltando?



Olho para as grandes extensões de cores e formas. Não sei como explicar a Bob que ainda não está pronto.

— Vou precisar esperar — finalmente declaro. — Alguma coisa vai brotar na minha mente, e aí saberei que a obra finalmente estará pronta.

O show das sete horas

Durante o último show do dia, Ruby parece cansada. Quando ela tropeça, Mack encosta a mão no chicote.

Fico tenso, esperando que minha amiga contra-ataque.

Ruby nem mesmo hesita. Ela simplesmente segue com seus passos pesados e, depois de algum tempo, Snickers pula em suas costas.

Doze

Estou deitado em minha jaula, com Bob sobre a minha barriga. Observamos Júlia, que faz a lição de casa.

Ela não parece estar se divertindo. Sei disso porque nossa amiga está suspirando mais do que de costume.

Novamente, pela centésima vez, ou talvez pela milésima vez, eu me pergunto o que está faltando em minha pintura.

E, pela centésima vez, ou talvez pela milésima vez, não tenho resposta.

— Papai — chama Júlia enquanto George passa por ali com um esfregão. — Posso fazer uma pergunta?

— *Poderia* — ele a corrige. — Sim, pode fazer.

Júlia olha para uma folha de papel.

— Qual é a diferença entre a palavra P-R-I-N-C-I-P-A-L e a palavra P-R-I-N-C-Í-P-I-O?

— A primeira é algo fundamental, o básico. A segunda é uma crença que nos ajuda a saber o que é certo e o que é errado. — Ele sorri. — Por exemplo: é contra os meus princípios fazer a lição de casa da minha filha para ela.

Júlia solta um gemido.

— Se eu vou ser uma artista quando crescer, por que preciso aprender a soletrar?

Com uma risada, George se afasta.

“Pobre Júlia”, eu penso. Os gorilas vivem muito bem sem saber soletrar. Todas aquelas letras infinitas, aqueles bastõezinhos e círculos e zigue-zagues preenchendo livros e revistas, placas e papéis de doces.

Palavras.

Os humanos adoram suas palavras.

Dou um salto. Bob voa direto para a piscina.

Uma palavra.

— Você sabe como eu odeio quando meus pés ficam molhados — grita Bob.

Ele se arrasta para fora da água, sacudindo cada pata, desanimado.

Olho pela minha janela, para a placa. Ainda consigo ouvir a voz de Mack em minha cabeça. “VISITE O SAÍDA 8, GRANDE SHOPPING E FLIPERAMA. CASA DO GRANDE IVAN, O PODEROSO GORILA DAS COSTAS CINZA-PRATEADAS!”.

Conto até doze, e conto mais uma vez, só para ter certeza.

C

Estendo dezesseis das peças do meu pôster. Quatro de altura, quatro de largura.

Um quadrado perfeito.

— O que você está fazendo? — pergunta Bob. — Acho que não tem a ver com dormir.

— Tem a ver com a placa.

— Aquela placa é uma monstruosidade. Especialmente porque eu não sou um dos modelos.

Pego meu balde de tinta vermelha.

— Você não está na placa porque não faz parte do espetáculo — explico.

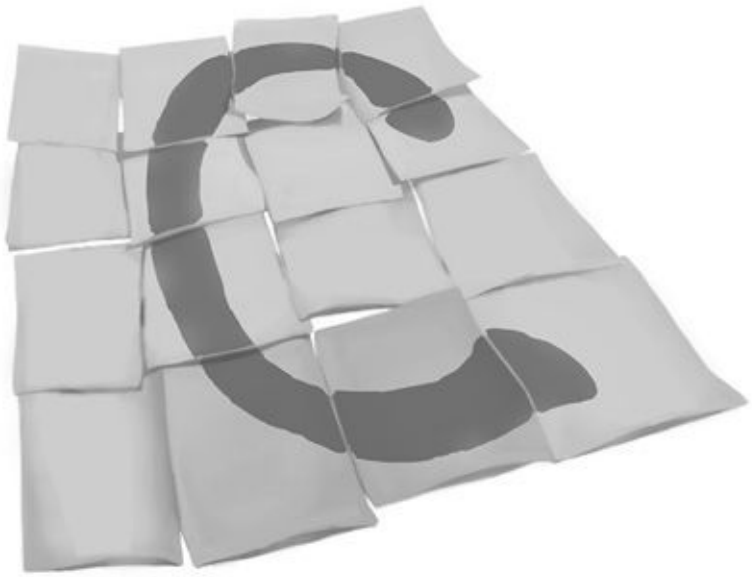
— Tecnicamente, eu nem mesmo moro aqui — ele responde, farejando. — Sou um sem-teto por opção.

— Eu sei. Só estava explicando.

Estudo a placa. Então, faço uma linha espessa como cabo de vassoura, traçando uma espécie de semicírculo.

Afasto-me um pouco.

— O que você acha?



— O que é isso? Não, espere! Deixe-me adivinhar. Um banquinho?

— Não é um banquinho — respondo. — é uma *letra*. Pelo menos, acho que é assim que eles chamam. Preciso fazer outras três.

Bob ajeita o corpo perto de Não Pega.

— Por quê? — ele pergunta, bocejando.

— Porque aí eu terei uma palavra. Uma palavra muito importante.

Afundo meus dedos na tinta.

— Qual palavra? — pergunta Bob.

— *Casa.*

Ele fecha os olhos.

— Isso não é importante — ele afirma, em voz baixa.

Nervoso

Durante todo o dia, ando em círculos pela minha jaula, apoiando os nós dos dedos no chão.

Estou tão nervoso que não consigo dormir. Não consigo nem comer.

Bem, pelo menos não muito, de qualquer modo.

Estou pronto para mostrar a Júlia o que criei.

Tem que ser para Júlia. Ela é uma artista. Certamente vai olhar, observar de verdade a minha obra. Não vai perceber os borrões e as falhas. Não vai se importar se as peças não se encaixarem perfeitamente. Ela vai enxergar além de tudo isso.

Com certeza Júlia vai entender o que eu imaginei.

Vejo Ruby marchando amargurada durante o espetáculo das quatro horas e me pergunto: O que vai acontecer se eu falhar? E se eu não conseguir fazer Júlia entender?

Mas é claro que eu já sei a resposta. Nada. Não vai acontecer nada.

Ruby vai continuar sendo a principal atração do Grande Shopping e Fliperama da Saída 8, convenientemente localizado na Rodovia I-95, com espetáculos às duas, quatro e sete horas, 365 dias por ano, ano após ano após ano.

Expondo para Júlia

É hora de expor meu trabalho.

O shopping está silencioso, exceto por Telma, a arara, que treina sua nova frase: “Uh-oh!”.

Júlia está terminando a lição de casa. George varre o lado de fora. Mack foi passar a noite em casa.

Agarro Não Pega e cuidadosamente puxo os papéis dobrados. Tantas pinturas! Folhas e mais folhas! Peças e mais peças do meu quebra-cabeça gigante.

Bato no meu vidro e Júlia olha para mim.

Com os dedos tremendo, ergo uma das minhas pinturas. É marrom e verde, parte de um dos cantos.

Júlia sorri.

Exibo outra imagem, e depois outra e outra e outra, cada uma sendo uma pequena parte do todo.

Júlia parece confusa.

— Mas... O que é isso? — ela pergunta, encolhendo os ombros.

— Não importa. É lindo como é!

— Uh-oh! — diz Thelma.

“Não”, eu penso. *“Não!”*

Importa sim.

Mais pinturas

George chama Júlia. Ele já terminou por hoje.

— Pegue sua mochila — ele diz. — E se apresse! Já está tarde.

— Preciso ir, Ivan — fala Júlia.

Ela não entende.

Preciso encontrar as peças certas. Procuro em meio à pilha. Elas estão em algum lugar por aqui, eu sei que estão.

Encontro outra e outra e mais uma. Tento segurar quatro delas contra o vidro.

— Bob — chamo. — Me ajude. Rápido!

Ele segura as pinturas com os dentes e as arrasta na minha direção.

Uma a uma, passo-as pela abertura no vidro. Elas se amassam e rasgam.

São peças demais. Meu quebra-cabeça é grande demais.

— Tenha cuidado, Ivan — diz Júlia. — Essas peças podem valer milhões algum dia. Nunca se sabe.

Ela arruma as pinturas em uma pilha bem organizada antes de continuar:

— Acho que Mack vai querer vender todas essas obras na loja de presentes.

Ela ainda não entendeu!

Passo mais e mais peças pelo buraco, e mais e mais, todas elas, uma após a outra.

— Então Ivan andou pintando, não é? — comenta George enquanto veste o casaco.

— Muito — responde Júlia, rindo. — Muito *mesmo.*

— Você não vai levar tudo isso para casa, vai? — pergunta George. — Quero dizer, minha intenção não é ofender Ivan, mas as imagens não passam de borrões.

Júlia corre o polegar pela pilha de imagens.

— Talvez não sejam borrões para Ivan.

— Vamos deixá-las no escritório — sugere George. — Mack vai querer vendê-las, embora eu duvide que alguém pague 40 pratas por uma pintura a dedo que qualquer criança de dois anos é capaz de fazer. Não sei...

— *Eu* gosto do trabalho de Ivan — rebate Júlia. — Ele pinta com o sentimento.

— Ele pinta com a bagunça — ironiza George.

Júlia acena para se despedir.

— Boa noite, Ivan. Boa noite, Bob.

Pressiono meu nariz contra o vidro e a vejo ir embora. Todo o meu trabalho, todo o meu planejamento, tudo não passou de uma perda de tempo.

Olho para Ruby, dormindo pesadamente. E de repente me dou conta de que ela jamais deixará o Grande Shopping. Ruby vai acabar ficando para sempre aqui, exatamente como aconteceu com Stella.

Não posso deixar Ruby ser mais uma “Grande”.

Bater no peito

Com frequência, quando os visitantes vêm me ver, eles batem a mão em seu peito pequeno, fingindo ser como eu.

E o gesto é tão silencioso quanto o bater de asas úmidas de uma borboleta nova.

O bater no peito de um gorila nervoso é algo que você nunca vai querer ouvir. Nem mesmo se estiver usando protetores de ouvido.

Nem se você estiver a quilômetros de distância *e* usando protetores de ouvido.

Um verdadeiro bater no peito faz toda a selva sair correndo, como se o céu tivesse se aberto, como se homens armados estivessem por ali.

Furioso

Barulho

O som — o meu som — ecoa pelo shopping.

George e Júlia dão meia-volta.

Ela derruba a mochila. Ele cai de joelhos. A pilha de pinturas voa.

Barulho. Barulho. Barulho.

Pulo contra minhas paredes. Grito e berro. Bato e bato e bato em meu peito.

Bob se esconde debaixo de Não Pega e usa as patas para proteger os ouvidos.

Estou furioso, finalmente.

Tenho alguém para proteger.

Peças do quebra-cabeça

Depois de um bom tempo, fico quieto. E me sento. É um trabalho pesado, ficar nervoso.

Júlia me encara com olhos arregalados e descrentes.

Estou tremendo. E um pouco fora de forma.

— O que foi isso? — pergunta George.

— Algo está muito errado — percebe Júlia. — Nunca vi Ivan agir assim.

— Ele parece estar se acalmando, graças a Deus — constata George.

Júlia nega com a cabeça.

— Ivan continua nervoso, papai. Veja os olhos dele.

Minhas pinturas estão espalhadas como enormes folhas de outono pelo chão.

— Que bagunça! — resmunga George, suspirando. — Eu nem deveria ter varrido aqui esta noite. Perdi o meu tempo.

— O senhor acha que Ivan está bem? — pergunta Júlia.

— Provavelmente foi só um ataque — diz George.

Ele estende a mão debaixo da cabeça para pegar uma imagem marrom e vermelha. Então, continua: — Mas eu não o culpo. Ele fica aí, preso nessa jaula minúscula durante todos esses anos...



Júlia começa a responder, mas logo congela. E inclina a cabeça para o lado.

Ela olha para os pés, onde as partes de minha obra estão bagunçadas.

— Papai — ela sussurra.— Venha ver isto.

— Tenho certeza de que ele é um novo Rembrandt — comenta George. — Vamos recolher as pinturas e ir para casa, Jules. Estou exausto.

— Papai — ela chama outra vez. — É sério. Olhe para isto.

George segue o olhar da filha.

— Vejo borrões. Muitos, muitos borrões em conjunto com algumas formas mais circulares. Por favor, podemos ir para casa agora?

— Tem um “C” aqui, papai.— Júlia se ajoelha, ajeita uma das imagens e depois outra. — É um “C” e aqui...

Ela segura mais figuras antes de continuar:

— Coloque esta aqui e, não sei, talvez esta... E temos um “A”.

George esfrega as mãos nos olhos. Eu seguro a respiração.

Agora a garota está acelerada. Ela segura uma imagem, deixa outra de lado.

— É como um quebra-cabeça, papai! Temos algo especial aqui. Uma palavra, talvez palavras. E uma imagem de alguma coisa. Uma imagem gigante.

— Jules, isso não faz sentido — diz George.

Mas ele também está olhando para o chão, andando em meio às pinturas e coçando a cabeça.

— “C” — diz Júlia. — “S.” “A.” — Csa?

Júlia mordisca o lábio inferior.

— “C”, “S”, “A”. E isso aqui parece um olho.

— “C”, “S”, “A”, “O”. — George escreve no ar com seu dedo. — “C”, “S”, “A”, “O”.

— Não a letra. Um olho. E aquilo é um pé. Ou talvez uma árvore. E uma tromba. Papai, acho que isto é uma tromba!

Júlia corre até o meu vidro.

— Ivan — ela sussurra. — O que você fez?

Olho de volta para ela. Cruzo os braços.

Isso está levando muito mais tempo do que eu imaginei que levaria.

Humanos...

Às vezes, eles fazem os chimpanzés parecerem inteligentes.

Finalmente

Júlia e George levam a imagem ao picadeiro, onde há espaço para ver todas juntas.

Uma hora se passa enquanto eles tentam montar meu quebra-cabeça. Agora Ruby está acordada, e ela, Bob e eu observamos.

— Ivan — ela me chama. — É uma pintura minha?

— Sim — respondo com orgulho.

— Onde eu estou na imagem?

— Em um zoológico, Ruby. Está vendo os muros e a grama e as pessoas observando você?

Ela força os olhos.

— Quem são todos aqueles outros elefantes?

— Você não os conhece — respondo. — Ainda não.

— É um zoológico muito legal — comenta a jovem elefanta, mexendo a cabeça em aprovação.

Bob me cutuca com seu nariz gelado.

— É mesmo.

No picadeiro, Júlia ergue o punho.

— Isso! — ela grita. — Eu disse para o senhor, papai! Aqui está: C-A-S-A. *Casa!*

George observa as letras. Em seguida, dá meia-volta para me encarar.

— Talvez seja apenas uma coincidência, Jules. Sabe? Uma dessas coisas que têm uma chance em um trilhão de acontecer, como aquele conto do chimpanzé e a máquina de escrever. Se tiver tempo suficiente, ele vai acabar escrevendo um romance.

Eu resmungo um pouco. Um chimpanzé não consegue nem escrever uma carta, que dirá um livro inteiro!

— Então, como o senhor explica o resto? — pergunta Júlia. — A imagem de Ruby no zoológico?

— Como você sabe que é um zoológico? — pergunta George.

— Está vendo o círculo no portão? Tem uma girafa vermelha nele.

George estremece e inclina a cabeça.

— Tem certeza de que é uma girafa? Achei mais parecido com algo como... um gato deformado.

— É o logotipo do zoológico, pai. Está em todo o material deles. Agora tente explicar isso.

George dá um sorriso sem graça para a filha.

— Não consigo. Não consigo nem começar a explicar. Só estou dizendo que deve haver alguma explicação lógica.

— Veja como isto aqui é grande. — Júlia coloca a última peça da orelha direita

de Ruby no lugar certo. — É enorme!

— Definitivamente, é grande — concorda George.

A garota me observa. E rói a unha. Vejo a pergunta em seus olhos.

Ela se vira novamente para as imagens e as encara, observando, realmente observando.

Um sorriso brota lentamente em seu rosto.

— Papai — ela chama. — Tenho uma ideia. Uma grande ideia.

Júlia dá a volta em minhas pinturas, os braços abertos. — A placa!

— Não estou entendendo — diz George.

— Acho que ele quis desenhar a placa. É isso que Ivan quer.

George cruza os braços.

— O que Ivan quer... — ele repete lentamente. — E você sabe disso porque... Vocês dois andaram conversando?

— Porque eu sou uma artista. E ele é um artista.

— A-hã — diz George.

Júlia bate as mãos.

— Vamos lá, papai. Eu imploro!

George nega com a cabeça.

— Não. Não vou fazer isso. Nada de mexer com a placa! Sem chance!

— Vou pegar a escada — diz Júlia. — Você pega a cola. Sei que está escuro lá fora, mas a placa fica iluminada.

— Mack vai me demitir, Jules.

Ela pensa por um instante.

— Mas pense na publicidade, papai! Todos saberiam da existência de Ruby.

— Você quer que eu coloque um cartaz que mostra Ruby em um zoológico com a palavra “casa” escrita em letras gigantes? — questiona George, apontando para minha pintura. — Um cartaz que, por acaso, foi feito *por um gorila?*

— Exatamente.

— E quer que eu faça isso sem a permissão do Mack? — questiona George.

— Exatamente.

— Não. — É a resposta de George. — Sem chance!

Júlia vai até a beirada do picadeiro, tomando cuidado para não pisar em minhas imagens. Ela pega o chicote de Mack. Volta e o passa a seu pai.

George corre o dedo pela lâmina na ponta.

— Ela é só um bebê, papai. Você não quer ajudá-la?

— Mas como isso a ajudaria, Júlia? Mesmo se muitas pessoas virem a placa de Ivan, isso não significa que alguma coisa vá mudar.

— Ainda não sei ao certo — Júlia sacode a cabeça. — Talvez as pessoas vejam a

placa e se deem conta de que Ruby não pertence a este lugar. Talvez eles também queiram ajudá-la.

George suspira. E olha para Ruby, que acena com a tromba.

— É uma questão de princípios, papai. P-R-I-N-C-I-P-A-L.

— É “princípios”, com “OS” no final — George a corrige.

— Papai — diz Júlia, com uma voz suave. — E se Ruby tiver o mesmo fim de Stella?

George olha para mim, para Ruby, para Júlia.

E deixa o chicote cair.

— A escada — ele diz em voz baixa. — Ela fica no armário do estoque.

A manhã seguinte

Vejo o carro de Mack derrapar até parar no estacionamento.

Ele dá um pulo para fora do veículo. E analisa a placa. Fica boquiaberto. Não se mexe por um bom tempo.

Humano nervoso

Um gorila furioso é barulhento. Mas um humano nervoso também pode ser.

Especialmente quando ele joga cadeiras e vira mesas e quebra máquinas de fazer algodão-doce.

Telefonema

Mack está chutando uma lata de lixo pela praça de alimentação quando o telefone toca.

Ele atende, com o rosto vermelho e suando.

— O quê...? — pergunta.

E me encara.

— Não sei do que você está... — ele começa a dizer, mas logo para e escuta.

— Quem? Quem é Júlia? — pergunta. — Ah, claro, a filha do George. Foi *ela* quem telefonou para vocês?

Mais conversas. Com o aparelho encostado ao ouvido, Mack se aproxima de minha jaula, encarando-me com desconfiança.

— Sim, é, é — diz. — Ele pinta. É claro. Estamos vendendo obras de arte feitas por ele já há algum tempo.

Outra longa pausa na conversa.

— Sim, certamente. Foi ideia minha.

Mack faz que sim com a cabeça. Um sorriso brota nos cantos de sua boca.

— Fotos? Sem problemas. Quer vê-lo trabalhando? Venha até aqui para dar uma olhada. Estamos abertos 365 dias por ano. É fácil achar, fica logo na saída I-95.

Mack recolhe a lata de lixo virada.

— Sim, acho que ele vai fazer mais pinturas. É um... ah, como vocês chamam isso? Um trabalho em andamento.

Quando o telefonema termina, Mack sacode a cabeça.

— Impossível! — exclama.

Uma hora depois, um homem aparece com uma câmera para tirar uma foto minha. É um cara do jornal da cidade, aquele para quem Júlia telefonou.

— O que acha de tirar uma foto minha com a elefanta? — sugere Mack.

Ele passa o braço pelas costas de Ruby, sorrindo enquanto ouve os cliques da câmera.

— Perfeito — elogia o jornalista.

— Perfeito — Mack concorda.



Uma estrela outra vez

Tem uma foto da minha placa no jornal. Mack prega o recorte no meu vidro.

A cada dia, mais pessoas curiosas chegam. Estacionam na frente da placa, apontam e sacodem a cabeça. Tiram fotos.

Elas entram no shopping e compram meus quadros.

Enquanto os visitantes observam, mergulho a mão em baldes de tinta fresca. Faço pinturas retratando a loja de presentes e outras imagens para serem acrescentadas à placa. Três com pássaros. Um elefante recém-nascido com olhos negros e brilhantes. Um esquilo, um canário, uma minhoca.

Faço ainda um retrato de Bob, para que ele também esteja no mural. Sei que ele gosta da imagem, embora diga que eu não tenha conseguido reproduzir seu nariz elegante.

Todas as tardes, Mack e George acrescentam minhas novas pinturas à placa. As pessoas diminuem a velocidade dos carros enquanto os dois trabalham. Os motoristas buzinam e acenam.

Agora as minhas pinturas custam 65 dólares (com a moldura) na loja de presentes.

O Macaco Artista

Tenho novos nomes. As pessoas me chamam de “Macaco Artista”, de “O Picasso Primata”.

Assim como Ruby, recebo visitantes desde cedo até a noite.

Mas, para ela, nada mudou. Todos os dias, às duas, às quatro e às sete horas, Ruby anda sobre a serragem com Snickers em suas costas.

Todas as noites ela tem pesadelos.

— Bob — digo, depois de contar uma história para nossa amiguinha dormir. — Minha ideia não está funcionando.

Ele abre um olho.

— Seja paciente.

— Estou cansado de ser paciente — respondo.

Entrevista

Esta noite, um homem e uma mulher vêm entrevistar Mack e também George e Júlia.

O homem tem uma câmera grande e pesada apoiada no ombro. Ele me filma enquanto faço minhas pinturas. Filma Ruby em sua jaula, com o pé preso por uma corda a uma estaca no chão.

— Vocês se importariam se eu desse uma olhada no local? — pergunta o jornalista.

Mack acena com a mão.

— Fique à vontade.

Enquanto Mack e a mulher conversam, o homem anda pelo shopping. Mexe a câmera para a esquerda e para a direita, para cima e para baixo.

Quando seus olhos avistam o chicote, ele para. E aponta a câmera para o objeto. Depois, segue em frente.

O noticiário da manhã

Mack liga a TV.

Estamos no *Noticiário das Cinco da Manhã*.

Bob diz para eu não deixar a fama subir à cabeça.

Lá estamos todos nós: Mack, Ruby, eu, George e Júlia.

A placa do shopping, o picadeiro.

E o chicote.

Placas presas a cabos de madeira

De manhã, várias pessoas se reúnem no estacionamento. Elas carregam placas presas a cabos de madeira.

As placas têm palavras e imagens. Uma delas traz o desenho de um gorila cuidando de um filhote de elefante.

Eu queria saber ler.

Manifestantes

Mais pessoas com placas chegam hoje. Elas querem que Ruby seja libertada. Algumas chegam a pedir que Mack feche o shopping.



À noite, George e Mack conversam sobre os manifestantes. Mack diz que estão protestando contra o cara errado. Diz que vão arruinar tudo.

— Tudo bobagem, George.

Mack dá passos pesados. George, segurando o esfregão, vê seu chefe ir embora. E esfrega as mãos nos olhos, parecendo preocupado.

— Papai — diz Júlia, olhando para cima e deixando de lado a lição de casa. — Sabe qual foi minha placa favorita?

— Hum. Qual?

— Aquela dizendo que “Elefante também é gente”.

George lança um sorriso cansado para a filha.

E volta a trabalhar. Ele passa o esfregão como um pincel gigante pela praça de alimentação, produzindo uma obra de arte que ninguém jamais verá.

Anotações

Um homem alto, segurando uma prancha e um lápis, vem nos visitar. Diz que está aqui para inspecionar o estabelecimento.

Não fala mais nada, mas faz algumas anotações no papel.

Ele olha para o chão da minha jaula. E faz uma marca em seu papel. Examina o feno de Ruby. E faz uma marca. Analisa nossos potes de água. E faz mais uma marca.

Carrancudo, Mack o observa.

Bob está lá fora, escondido atrás da caçamba de lixo. Ele não quer ser uma das marcas de verificação.

Libertem Ruby

A cada dia surgem mais manifestantes e câmeras com luzes fortes. Às vezes as pessoas carregando placas gritam: “Libertem a Ruby! Libertem a Ruby!”.

— Ivan — ela me chama. — Por que essas pessoas estão gritando o meu nome? Elas estão bravas comigo?

— Elas estão bravas, mas não com você — explico.

Uma semana depois, o homem da inspeção volta acompanhado de uma colega, uma mulher com olhos inteligentes e escuros como os da minha mãe. Ela usa um avental branco e cheira a flores. Seus cabelos são pesados e castanhos, da cor de um galho apodrecendo e cheio de belas formigas.

Ela me observa por um longo período. Depois, analisa Ruby.

Conversa com o homem. E os dois conversam com Mack. O homem passa uma folha de papel a Mack.

Mack cobre o rosto com as mãos.

Ele vai para o escritório e bate a porta.

Caixa nova

Alguma coisa estranha está acontecendo. A mulher do avental branco voltou com outros humanos.

Eles colocam uma caixa enorme no centro do picadeiro.

É do tamanho de Ruby.

E, de repente, sei por que a mulher está aqui. Ela veio para levar Ruby embora.



Adestramento

A mulher guia nossa amiga elefanta rumo à caixa. Coloca uma maçã lá dentro.

— Boa garota, Ruby — ela elogia docemente. — Não tenha medo.

Ruby usa a tromba para inspecionar a caixa. A mulher faz um pequeno pedaço de metal em sua mão estalar. E dá à jovenzinha um pedaço de cenoura.

Cada vez que Ruby toca a caixa, ela recebe um estalo e um agradinho.

— Por que ela está fazendo essa coisa estalar? — pergunto a Bob.

— Eles fazem isso com cachorros o tempo todo — ele me conta.

Percebo que Bob não aprova aquela atitude. Então ele continua:

— Isso se chama “adestramento com clicker”. Eles querem que Ruby associe o barulho a uma recompensa. Quando ela faz algo desejável, eles fazem esse barulho.

— Bom trabalho, Ruby! — a mulher elogia outra vez. — Você aprende rápido!

Depois de muitos estalos e cenouras, ela leva Ruby de volta à jaula.

— Por que aquela mulher me dá cenouras toda vez que eu encosto na caixa? — Ruby me pergunta.

— Acho que ela quer que você entre — explico.

— Mas não tem nada lá dentro — minha amiga me conta. — Só uma maçã.

— Dentro daquela caixa fica o seu caminho para fora daqui — explico.

Ruby inclina a cabeça.

— Não acho que seja isso.

— Está vendo a imagem da girafa vermelha na caixa? Acho que aquela mulher é do zoológico, Ruby. Acho que ela está preparando você para levá-la ao zoológico.

Espero ouvir Ruby gritar de alegria, mas, em vez disso, ela simplesmente olha em silêncio para a caixa.

— Não sei se você entendeu direito. Aquela caixa pode levá-la a um lugar onde existem outros elefantes — esclareço. — Um lugar com mais espaço e com humanos que vão cuidar de você.

Mas, ainda enquanto digo as palavras, lembro-me, estremecendo, da última caixa em que entrei.

— Não quero ir para o zoológico — diz Ruby. — Quero ficar com você, Bob e Júlia. Aqui é a minha casa.

— Não, Ruby — eu a corrijo. — Aqui é a sua prisão.

Cutucando e apalpando

A mulher voltou. Ela trouxe um médico de animais que tem um cheiro horrível e uma sacola que parece perigosa.

Ele passa uma hora com Ruby, cutucando e apalpando. Observa os olhos, os pés, a tromba.

Quando termina de avaliar minha amiga, ele entra na minha jaula. Eu queria poder me esconder debaixo de Não Pega, como Bob faz.

Em vez disso, bato fortemente no peito e, um instante depois, o médico se afasta.

— Vamos precisar anestesiar este aqui — ele fala.

Não sei exatamente o que ele quer dizer, mas, mesmo assim, desfilo vitorioso por minha jaula.

Sem pintar

Hoje ninguém me pediu para pintar. E ninguém pede a Ruby para fazer sua performance.

Não tem espetáculo. Nem visitantes, a não ser que consideremos os manifestantes.

Mack passa o dia todo no escritório.

Mais caixas

Acordo depois da longa soneca que tirei durante a manhã. Vejo Bob em minha barriga, mas ele não está dormindo, e sim observando o picadeiro, onde quatro homens colocam uma enorme caixa de metal.

Do meu tamanho.

— O que é isso? — pergunto, ainda confuso após o sono.

Bob cutuca meu queixo.

— Acredito que aquela caixa seja para você, meu amigo.

Não entendo exatamente o que ele quer dizer.

— Para mim?

— Eles trouxeram um monte de caixas enquanto você estava dormindo. Parece que vão levar vários que estão na mesma situação que você — ele me conta casualmente, lambendo a pata. — Até mesmo Thelma.

— Levar? — repito. — Levar para onde?

— Bem, alguns provavelmente vão para o zoológico. Outros, para um abrigo de animais, e lá os humanos tentarão encontrar casas para eles. — Bob sacode o corpo. — Então, acho que tudo que é bom chega ao fim, não é?

A voz do meu amigo parece cheia de vida, mas seus olhos estão distantes e tristes.

— Vou sentir saudade da sua barriga, grandalhão.

Bob fecha os olhos e faz um barulho estranho, vindo da garganta.

— Mas... E você? — pergunto.

Não sei se Bob está apenas fingindo dormir, mas ele não responde.

Olho para a caixa enorme e escura e, de repente, entendo como Ruby se sente. Também não quero entrar naquela caixa.

Na última vez em que estive em uma caixa, minha irmã morreu.

Adeus

Naquela noite, quando George e Júlia chegam, ele não traz o esfregão nem a vassoura. Apenas reúne suas ferramentas e seus pertences enquanto Júlia corre até minha jaula.

— Esta é minha última noite, Ivan — ela diz, pressionando a palma da mão contra o vidro. — Mack demitiu meu pai. — Lágrimas escorrem pelas bochechas de Júlia. — Mas a mulher do zoológico disse que talvez eles tenham uma vaga lá em breve, para limpar as jaulas e coisas do tipo.

Chego mais perto do vidro que nos separa. Coloco minha mão onde está a de Júlia, palma com palma, dedo com dedo. A minha é maior, mas nossas mãos não são tão diferentes.

— Vou sentir saudades de você — Júlia diz. — E de Ruby e de Bob. Mas isso é bom, realmente é bom. Vocês merecem uma vida diferente.

Encaro os olhos escuros dela e gostaria de ter alguma palavra para dizer. Soluçando, ela vai até a jaula de Ruby.

— Tenha uma vida boa, Ruby — deseja.

A jovem elefanta faz um barulho estrondoso. Coloca a tromba entre as barras de ferro e toca o ombro de Júlia.

— Onde está Bob? — pergunta a garota.

Ela olha em volta, debaixo das mesas, na minha jaula, perto da lata de lixo.

— Papai — grita Júlia. — O senhor viu o Bob?

— Bob? Não vi, não — responde George.

Júlia franze a testa.

— O que vai acontecer com ele, papai? E se Mack fechar todo o shopping?

— Ele disse que vai tentar manter o estabelecimento aberto sem os animais — conta George, enfiando as mãos nos bolsos. — Também estou preocupado com Bob. Mas ele é um sobrevivente.

— Sabe, papai... — Júlia tem um brilho nos olhos agora. — Bob poderia morar com a gente. A mamãe adora cachorros, e ele poderia fazer companhia para ela e...

— Jules, por enquanto eu não sei nem se terei emprego. Talvez eu enfrente dificuldades até mesmo para alimentar você, imagine então um vira-lata.

— O dinheiro que eu ganho como passeadora de cachorros poderia...

— Sinto muito, Jules.

Ela faz que sim com a cabeça ao dizer:

— Eu entendo.

Júlia começa a se distanciar, mas logo corre de volta para perto da minha jaula.

— Quase esqueci... Isto é para você, Ivan.

Ela passa uma folha de papel para dentro da jaula. É um desenho meu e de Ruby.

Estamos comendo iogurte com passas. Ruby brinca com outro filhote de elefante, e eu estou de mãos dadas com uma linda gorila.

Ela tem lábios vermelhos e uma flor nos cabelos.

Eu observo, como sempre faço com os desenhos de Júlia, como um rapaz elegante. Mas há algo diferente neste desenho.

Nesta imagem, eu estou sorrindo.



Clique

A porta da minha jaula está aberta. Não consigo parar de olhar para ela.

Minha porta. Aberta.

A caixa gigante foi retirada do lugar e também está aberta. Os humanos a empurraram contra a minha porta.

Se eu passar pela minha porta, entrarei na caixa deles.

Maya, a funcionária do zoológico, está aqui outra vez.

Clique. Iogurte com passas.

Clique. Um pequeno *marshmallow*.

Clique. Mamão maduro.

Clique. Um pedaço de maçã.

Horas e mais horas, cliques e mais cliques.

Olho para Ruby. Ela espera para ver o que eu vou fazer.

Toco na caixa.

Farejo o interior escuro, onde uma manga madura me espera.

Clique, clique, clique.

Preciso fazer isso. Ruby está me observando por entre as barras de ferro de sua jaula, e esta caixa é o caminho para fora deste lugar.

Dou um passo dentro dela.

Uma ideia

Depois que deixo a caixa e volto para minha jaula, tenho uma ideia. Uma boa ideia.

Digo a Bob que ele pode entrar comigo na caixa e viver no zoológico.

— Você esqueceu? Eu sou um animal selvagem, Ivan — ele afirma, farejando o chão em busca de migalhas. — Sou indomável, destemido.

Antes de continuar, Bob pega um pedaço de aipo e logo cospe.

— E tem mais: eles perceberiam. Os humanos são idiotas, mas não tão idiotas assim.

Respeito

— Ivan? — Ruby me chama. — Você acha que os outros elefantes vão gostar de mim?

— Acho que eles vão amá-la, Ruby. Você será parte da família.

— E acha que os outros gorilas vão gostar de você? — pergunta Ruby.

— Eu sou um gorila das costas cinza-prateadas, Ruby. Um líder.

Afasto os ombros e ergo a cabeça antes de continuar:

— Eles não precisam gostar de mim. Eles têm que me respeitar.

Ainda enquanto digo isso, acabo me perguntando se chegarei a conquistar o respeito deles.

Não pude praticar muito a atividade de ser um gorila “de verdade”, menos ainda um líder das costas cinza-prateadas.

— Você acha que os outros elefantes vão saber contar piadas? — Ruby questiona

— Se não souberem, você pode ensiná-los — digo a ela.

Ela bate as orelhas. E mexe a cauda.

— Quer saber, Ivan?

— Diga.

— Acho que vou entrar na caixa amanhã.

Olho afetuosamente para ela.

— Acho que é uma boa ideia. E que Stella concordaria.

— Você acha que os outros elefantes vão saber brincar de pega-pega? Eu adoro brincar de pega-pega!

— Eu também! — afirmo.

E sempre penso em minha irmã correndo com agilidade pelos arbustos, sempre fora do meu alcance.

Foto

Tarde da noite, Mack abre minha gaiola. A luz da lua cheia desliza por sobre seus ombros inclinados. De alguma forma, ele parece menor.

Imediatamente alerta, Bob pula da minha barriga e mergulha debaixo de Não Pega.

— Não se preocupe em se esconder, cachorro — diz Mack. — Eu sei que você dorme aqui.

Em seguida, Mack se senta em meu balanço de pneu.

— Pode passar mais uma noite, sem problemas. Seu amigo vai embora amanhã.

Amanhã? Meu estômago revira. Não estou pronto. Preciso de mais tempo. Ainda não me despedi. Ainda não pensei direito em tudo isso.

Mack tira uma foto do bolso da camisa. É minha, de quando eu era jovem. Ele e eu estamos no banco da frente de seu carro conversível.

Estou usando um boné de beisebol e devorando um sorvete de casquinha.

Eu era um rapaz bonitão, mas devo admitir que fiquei ridículo na foto. Não me pareço em nada com um gorila de verdade.

— Nós demos algumas risadas, não demos? — diz Mack. — Você se lembra de quando andamos de montanha-russa? Ou daquela vez que tentei ensinar você a jogar basquete? — Mack sacode a cabeça, gargalhando. — Você fez uma cesta toda desajeitada.

Ele fica de pé, suspira, olha em volta. Coloca a foto de volta no bolso.

— Vou sentir sua falta, Ivan — admite.

Em seguida, Mack vai embora. Sem olhar para trás.

Indo embora

No início da manhã, Maya chega com vários outros humanos.

Alguns estão de avental branco. Outros trazem papéis. Permanecem silenciosos, ocupados, decididos.

Ruby entra primeiro na caixa.

— Estou com medo, Ivan — ela grita lá de dentro. — Não quero deixar você.

Parte de mim também não quer deixá-la, mas sei que não posso dizer isso a ela.

— Pense em todas as histórias incríveis que você poderá dividir com a sua nova família! — eu aconselho.

Ruby fica em silêncio.

— Vou contar para eles a sua piada de elefante — ela fala após uma longa pausa. — Aquela da geladeira.

— Acho que eles vão gostar. Lembre-se de contar a eles sobre Bob, Júlia e eu. — Tento desfazer o nó na garganta. — E Stella.

— Vou me lembrar de todo mundo — diz Ruby. — Especialmente de você.

Antes que eu consiga dizer mais alguma palavra, eles levam a caixa para um caminhão que os espera.

Chegou a minha vez.

Bob está escondido em um canto, atrás da minha piscina. Os humanos nem

sequer notam sua presença.

Enquanto eles estão ocupados verificando se minha caixa está pronta, Bob sai de onde estava. Ele lambe o meu queixo, só para ver se há algum resto de comida ali.

— Você — eu sussurro. — Você é o Grande Bob.

Estendo a mão na direção de Não Pega. Ela agora não passa de uma boneca mole de pano, sem o preenchimento. Gotinhas de tinta cobrem o seu pelo.

Passo-a para Bob. Confuso, ele inclina a cabeça.

— É para ajudá-lo a dormir — digo.

Ele a pega entre os dentes e a puxa para longe.



Bom garoto

— Bom garoto, Ivan. Bom garoto! — elogia Maya quando eu me arrasto para dentro da caixa.

Ouço o clique e sou recompensado com um pequeno *marshmallow*.

Quando estou pronto, Maya me dá uma bebida doce, um suco de manga com um toque amargo.

Meu olhos ficam pesados. Quero ver o que vai acontecer, mas estou com sono, muito sono...

Sonho que estou com Pega e que estamos pulando de galho em galho enquanto Stella observa. O sol desliza pelo teto de espessas copas de árvores, e a brisa tem sabor de fruta.

Mudança

Meus olhos se abrem.

A caixa está em movimento.

Estou sobre um estômago que ronca. A barriga de algum animal enorme.

E durmo outra vez.

Acordando

Acordo e sinto o vidro e o aço. É uma nova jaula, não muito diferente da antiga, só que muito mais limpa.

Maya está aqui. E também outros humanos que consigo reconhecer.

— Olá, Ivan — ela me cumprimenta. — Ele está acordando, pessoal.

Tenho três paredes de vidro agora. A quarta é uma cortina de ripas de madeira presas juntas.

Este lugar não se parece em nada com os zoológicos da TV. Onde estão os outros animais?

Onde estão os gorilas?

Será que Ruby está na mesma situação? Em uma jaula exatamente como a antiga, ainda sozinha? Será que está com frio? Com fome? Triste?

Será que tem alguém para lhe contar histórias quando ela não conseguir dormir?

Saudade

Sinto falta da minha antiga e acolhedora jaula.

Sinto saudade da minha arte.

Mas, acima de tudo, tenho saudade de Bob.

Minha barriga fica fria sem ele.

Alimentação

A comida aqui é boa.

Mas não tem refrigerante. Nem algodão-doce.

Nada famoso

Aqui eu não recebo visitas. Nada de crianças com dedos melecados ou pais cansados.

Só Maya e seus humanos vêm me ver, com suas vozes calmas e mãos suaves.

Eu me pergunto se deixei de ser famoso.

Alguma coisa no ar

Dias sem fim se passam, e então eu percebo alguma coisa.

Uma mudança.

Não sei o que é, mas posso sentir o gosto no ar, como quando as nuvens se reúnem para despejar uma chuva distante.

Uma nova TV

Maya me traz uma televisão nova. É maior do que a antiga.

Ela liga o aparelho.

— Acho que você vai gostar desse programa — diz, sorrindo.

Espero um filme de romance, talvez um faroeste.

Mas é um programa sobre a natureza, sem vozes humanas ou comerciais. É um programa que mostra gorilas sendo gorilas. Vejo-os comendo, se arrumando e brincando de luta. Vejo-os até mesmo dormindo.

E me pergunto por que Mack nunca colocou nesse canal.

A família

Todos os dias, vejo os gorilas na tela da TV. É uma família pequena e esquisita, com apenas três fêmeas e um macho mais jovem, sem um líder para protegê-los.

Eles arrumam uns aos outros e comem e dormem, e então arrumam um ao outro outra vez. É um grupo feliz, calmo, bem-humorado. Porém, como acontece nas melhores famílias, de tempos em tempos há alguns conflitos.

Animado

Esta manhã, por algum motivo, não está passando o programa dos gorilas na televisão.

Maya e os outros humanos estão animados. Eles cantarolam como pássaros ao amanhecer.

— Hoje é o grande dia — dizem.

Já vi muitos humanos me observando, mas eles nunca pareceram tão felizes.

Maya vai até a parede de ripas de madeira.

E sorri loucamente.

Ela puxa uma corda.

O que eu vejo?

Gorilas.

Três fêmeas e um macho jovem.

É a família a que eu vinha assistindo durante os últimos dias. Mas agora eles não estão numa tela de TV.

Estão do outro lado do vidro, observando enquanto eu os analiso.

Eu me vejo.

Vejo vários como eu.

Ainda ali

Cubro os olhos.

Olho outra vez.

Eles ainda estão ali.



Observando

Eu os observo todos os dias através da minha janela, do mesmo jeito que meus visitantes costumavam me observar.

Está vendo como eles caçam e se arrumam? Como brincam e dormem? Como vivem?

São graciosos como Stella era, movimentando-se apenas o suficiente, apenas o necessário.

Eles me encaram, cabeças inclinadas, apontando e gritando. E eu me pergunto: será que estão tão fascinados por mim quanto eu estou por eles?

Ela

Os gritos dela fazem meus ouvidos doerem.

De longe, admiro seus caninos intactos.

Seu nome é Kinyani.

Ela é mais rápida do que eu, ágil e provavelmente mais descolada, embora eu tenha o dobro de seu tamanho e isso também seja importante.

Ela é aterrorizadora.

E linda como uma pintura em movimento.

Porta

Hoje os humanos me levam até uma porta.

Do outro lado, Kinyani e os demais me esperam.

Não estou pronto para isso. Não estou pronto para ser um líder.

Eu sou Ivan, apenas Ivan, somente Ivan.

Concluo que hoje não é um bom dia para me socializar.

Tentarei outra vez amanhã.

Pensando

Passo a noite toda acordado, pensando em Ruby.

Será que ela já passou por uma porta como esta para a qual estou olhando?

Será que estava com tanto medo quanto eu estou? Assustada como provavelmente se sentiu no dia em que caiu naquele buraco?

Penso na curiosidade infinita de Ruby e nas perguntas que ela adorava fazer.

“Você já dançou com um tigre, Ivan?”

“Seu pelo vai ficar azul algum dia?”

“Por que aquele garotinho não tem cauda?”

Se Ruby estivesse comigo, certamente perguntaria:

“O que há do outro lado da porta, Ivan?”

Ruby gostaria de saber e a esta altura certamente já teria passado para o outro lado da porta.

Pronto

— Quer tentar outra vez, Ivan? — pergunta Maya.

Penso em Ruby e digo a mim mesmo que chegou a hora.

A porta se abre.

Ao ar livre, finalmente

Céu.
Grama.
Árvore.
Formiga.
Galho.
Pássaro.
Terra.
Nuvem.
Vento.
Flor.
Pedra.
Chuva.

Meu.
Meu.
Meu.

Ops!

Eu farejo e me aproximo e me exibo um pouco, mas os outros não me dão boas-vindas. Eles têm dentes afiados e vozes altas.

Eu fiz alguma coisa errada?

Kinyani me persegue. Joga um graveto em mim. E me encurrala.

Sei que ela está me testando para saber se eu sou realmente um gorila das costas cinza-prateadas capaz de proteger sua família.

Eu me encolho e escondo os olhos.

Maya me deixa voltar para a jaula.

Como foi

Fico acordado e tento me lembrar de como era ser um gorila.

Como eram nossos movimentos? Como nos tocávamos? Como sabíamos quem era o chefe?

Tento pensar além das crianças e das motocicletas e da pipoca e das calças curtas.

Tento imaginar Ivan como ele teria sido.

Fingindo

O macho jovem se aproxima. E olha faminto para minha comida.

Imagino um Ivan diferente, o filho do meu pai.

Resmungo e golpeio e me vanglorio. Bato no peito até todo mundo ouvir.

Kinyani observa, assim como os demais.

Ando na direção do jovem arrogante, que se retira.

É quase como se ele acreditasse que eu sou o gorila das costas cinza-prateadas que estou fingindo ser.

Cama

Estou fazendo uma cama no chão. Não é exatamente como uma cama da selva. As folhas são menores e os gravetos, quebradiços. Eles estouram quando eu os ajeito no lugar.

Os outros observam enquanto esbravejam suas desaprovações: “pequeno demais”, “fraco demais”, “uma coisa horrível”.

Porém, quando subo naquele berço de folhas, é como flutuar nas nuvens em meio à copa das árvores.



Mais TV

Maya quer que eu volte à minha jaula de vidro. Sei disso porque ela está me atraindo na direção da porta com um caminho de pequenos *marshmallows*.

Tento ignorá-la. Não quero deixar o ambiente externo para trás. É um dia sem nuvens e eu acabei de encontrar o local perfeito para uma soneca. Mas acabo cedendo quando ela coloca iogurte com passas no caminho. Ela conhece bem demais as minhas fraquezas.

Na jaula de vidro, a TV está ligada. É mais um programa sobre a natureza, com a imagem trêmula e desfocada.

Espero ver gorilas, mas nenhum aparece.

Ouço um barulho agudo, algo como uma corneta de brinquedo.

Meu coração acelera.

Apresso-me para perto da tela e lá está.

Ruby.

Ela está rolando em uma adorável poça de lama com dois elefantes mais novos.

Outra elefanta se aproxima, colocando-se atrás de minha amiga. Ela acaricia Ruby, cutuca a jovenzinha. Faz barulhos suaves.

Elas ficam lado a lado, exatamente como Stella e Ruby costumavam ficar. As trombas estão entrelaçadas. Vejo algo novo nos olhos de minha amiga e sei o que é.

É felicidade.

Assisto ao programa inteiro, e então Maya o passa novamente para mim. E mais uma vez. Por fim, desliga a TV e a leva para fora da jaula.

Coloco a mão no vidro. Maya olha para mim.

“Obrigado”, tento dizer com meu olhar. “Obrigado.”

Pega-pega

Kinyani anda lentamente na minha direção. Ela me dá tapinhas nos ombros e nos dedos e corre para longe.

Mantendo os braços cruzados sobre o peito, eu a observo. Sou cuidadoso para não emitir nenhum ruído.

Não sei ao certo o que estamos fazendo.

Ela se aproxima outra vez, me empurra e passa por mim. E então percebo o que está acontecendo.

Nós estamos brincando.

Estamos brincando de *pega-pega!*

E agora é minha vez de ser o pegador.

Romance

Faça contato visual.

Mostre suas formas.

Pavoneie-se.

Ruja.

Jogue um graveto.

Ruja mais um pouco.

Faça alguns movimentos.

O romance é um trabalho árduo.

Parece tão fácil na TV.

Não sei se vou me sair bem nisso.

Mais sobre romance

Eu queria que Bob estivesse aqui. Alguns conselhos me fariam bem.

Tento me lembrar de todos os filmes de romance aos quais assistimos juntos.

Lembro-me das conversas, dos abraços, das lambidas no rosto.

Não sou muito bom nisso.

Mas é divertido tentar.

Higiene

Existe algo mais doce do que o toque de uma gorila enquanto ela retira um inseto morto do seu pelo?

Conversa

Gorilas não são tagarelas como os humanos, não têm tendência de ficar contando fofocas e piadas sem graça.

Porém, de vez em quando contamos uma história debaixo do sol.

Certo dia, chega a minha vez.

Conto à minha tropa sobre Mack, Ruby, Bob, Stella, Júlia e George, sobre minha mãe, meu pai e minha irmã.

Quando termino, eles desviam o olhar, em silêncio.

Kinyani se aproxima. Encosta seu braço no meu e deixamos o sol mergulhar em nossa pelagem. Juntos.

O topo da colina

Já explorei cada canto deste lugar, exceto uma colina do outro lado, onde os funcionários estavam consertando um muro.

Eles finalmente foram embora. Deixaram para trás tijolos brancos e um monte de terra preta.

Enquanto os outros descansam no sol da manhã, sinto vontade de explorar o topo da colina. Eles já estiveram lá antes, mas eu não. Tudo ainda é novo para os meus olhos.

Levo um tempo para subir a colina, saboreando a sensação da grama contra os nós dos meus dedos. A brisa leva consigo o grito das crianças e o zumbido sonolento de um zangão. Perto do topo da colina há uma árvore de tronco baixo, do tipo que minha irmã adoraria.

O muro não tem fim. É branco e limpo, e se estende pelos hábitats que estão além do meu. É alto e espesso, cuidadosamente construído para nos manter aqui dentro e os outros lá fora.

Afinal, aqui ainda é uma gaiola.

Choveu ontem à noite e o montinho de terra está suave ao toque. Pego um pouco na mão e sinto o cheiro argiloso.

É marrom-vivo. É pesado e frio na palma da minha mão.

E o muro espera. Como uma tela infinita e em branco.

O muro

É um muro grande.

Mas eu tenho uma pilha de terra enorme. Eu sou um grande artista.

Bato uma mão coberta de terra sobre o cimento aquecido. Deixo uma marca de mão.

Passo um dedo cheio de lama no nariz. E deixo a marca do meu nariz.

Deslizo a palma da mão para cima e para baixo. O barro é grosso e difícil de usar. Mas eu continuo me movimentando, pegando mais alguns punhados e espalhando.

Não sei o que estou pintando, mas não importa. Jogo o barro na parede e faço círculos e linhas espessas. Figuras e formas. Luz e sombra.

Sou um artista produzindo uma obra.

Quando termino, dou alguns passos para trás para admirar meu trabalho. Porém, estou diante de uma tela enorme e gostaria de ter uma visão melhor.

Vou até a árvore de copa espessa e seguro o galho mais baixo. Tento balançar as pernas.

Ploft. Levo um tombo. Acho que sou grande demais para subir.

Tento mais uma vez e agora me agarro ao primeiro galho, tentando respirar.

Mais um galho. Dois. E não consigo chegar mais longe. Empoleirado na metade da árvore, vejo meu bando, que continua dormindo alegremente.

Consigo ver o muro com o barro espalhado. Não tem muita cor, mas traz muitos movimentos. Gosto do que fiz. Parece um sonho selvagem, algo que Júlia poderia ter produzido.

De meu assento na árvore, consigo ver o que há além do muro. Avisto girafas e hipopótamos. Vejo as pernas dos cervos como galhos delicados. Vejo um urso cochilando e um tronco oco.

Vejo elefantes.

Em segurança

Ela está muito distante, com a barriga afundada na grama, com outros elefantes ao seu lado.

Ruby.

— Ela está aqui, Stella — sussurro. — Ruby está segura, exatamente como eu prometi.



Chamo Ruby, mas o vento empurra minhas palavras e eu sei que ela nunca vai me escutar.

Mesmo assim, ela para por um segundo, as orelhas abertas como velas pequenas de um barco.

Então, com enorme elegância, ela se mexe em meio à grama.

O gorila das costas cinza-prateadas

É uma tarde nublada, fresca e com garoa. O jantar está para ser servido, mas não me importo.

À noite, dormimos em nossa toca, mas sempre sou o último a entrar. Já passei tempo demais em ambientes fechados.

A esta hora do dia, não temos muitos visitantes. Restam apenas alguns, apoiados no muro que nos separa. Eles apontam, tiram fotos e depois seguem para ver as girafas ao lado.

Um dos cuidadores me chama. Relutante, viro-me para me aproximar.

De canto de olho, avisto alguém correndo. E paro.

É uma garota de cabelos escuros carregando uma mochila. Um homem vem logo atrás, apressando-se para alcançá-la.

— Ivan! — grita a menina. — Ivan!

É Júlia!

Vou cambaleando até o limite do fosso enorme que circula o muro.

Júlia e George acenam para mim. Cambaleio para a frente e para trás, rugindo e grunhindo, fazendo a dança do gorila feliz.

— Fique calmo — diz uma voz. — Você está se comportando como um chimpanzé.

Eu me vejo congelar.

Uma cabeça pequena, marrom e com orelhas grandes sai de trás da mochila de Júlia.

— Que lugar legal! — exclama Bob.

— Bob! — eu digo. — É você mesmo!

— Em carne e osso!

— Como... Onde...

Não consigo encontrar palavras.



— O trabalho de George no zoológico só começa no próximo mês, então ele e Júlia chegaram a um acordo. Ela está passeando com outros três cachorros para cobrir os gastos com a minha alimentação. E acredite: todos são poodles!

— Você costumava dizer que não queria uma casa — eu recordo.

— É verdade — concorda Bob. — Mas a mãe de Júlia gosta da minha companhia. Então eu acredito que eu esteja fazendo um favor. É uma situação na qual todos saem ganhando.

Júlia empurra a cabeça de Bob de volta para dentro da mochila.

— Você não deveria estar aqui — ela o lembra.

— Ivan está com uma aparência ótima, não está, Jules? — constata George. — Mais forte. E também mais feliz.

Júlia segura uma pequena fotografia, mas está longe demais para eu conseguir ver. — É Ruby, Ivan. Ela está com outros elefantes agora. Por causa de você!

“Eu sei”, quero dizer a ela. “Vi com meus próprios olhos.”

Observamos o espaço que nos separa. Depois de algum tempo, George dá tapinhas no braço de Júlia.

— Precisamos ir, Jules.

Ela me dá um sorriso cheio de saudade.

— Tchau, Ivan. Diga oi para sua nova família.

Então, ela se vira para George:

— Obrigada, papai.

— Pelo quê?

— Por... — Ela aponta para mim. — Por isso.

Eles dão meia-volta para ir embora. As lâmpadas que iluminam o caminho do zoológico se acendem, encobrindo o mundo com uma luz amarelada.

Só consigo ver a cabecinha de Bob saindo da mochila de Júlia.

— Você é o Grande Ivan — ele grita.

Faço que sim com a cabeça. Depois, concentro-me novamente em minha família, minha vida, minha casa.

— O Poderoso Gorila das costas cinza-prateadas — sussurro.



Nota da autora

O Grande Ivan é uma obra de ficção, mas a inspiração para esta obra veio de uma história real.

Ivan, um gorila de verdade, passou a viver no zoológico de Atlanta, mas, no caminho para esse final feliz, ele passou quase três décadas sem ver outro animal de sua espécie.

Depois de ter sido capturado ainda jovem no que hoje é a República Democrática do Congo (a irmã de Ivan morreu ou no caminho para os Estados Unidos, ou logo depois de chegar à América), Ivan foi criado em uma casa até se tornar indócil. Quando isso aconteceu, ele foi colocado em uma estranha coleção de animais abrigados em um shopping que mais parece um circo no estado de Washington.

Ivan passou 27 anos de sua vida sozinho em uma jaula. Com o tempo, conforme crescia a conscientização sobre as necessidades e sobre o próprio comportamento dos primatas, o desconforto público com o estado solitário de Ivan também se tornou maior, particularmente depois que ele apareceu em uma matéria da *National Geographic* intitulada “O gorila urbano”. Um clamor público se seguiu, incluindo cartas com emoções sinceras vindas de crianças. Quando o shopping onde Ivan vivia foi à falência, ele foi levado como empréstimo permanente ao Zoo de Atlanta, que abriga o maior grupo de gorilas-do-ocidente dos Estados Unidos.

Ivan se tornou uma celebridade adorada no zoológico da cidade, vivendo feliz com Kinyani e outros gorilas. Ficou famoso por suas pinturas, frequentemente “assinadas” com uma marca de seu polegar.

Ivan existiu de verdade, assim como Kinyani e também Jambo, da história que Stella conta a Ivan e a Bob. Mas todos os demais personagens e as demais situações desta obra são produto da minha imaginação. Quando comecei a escrever sobre os infelizes fatos da existência solitária de Ivan, uma nova história lentamente passou a tomar forma. Pelo menos neste livro, espaço no qual tudo é possível, eu quis dar a Ivan (mesmo enquanto era mantido atrás das paredes de sua minúscula jaula) uma voz e uma história a ser contada. Eu quis

dar a ele alguém para proteger e a oportunidade de ser o poderoso gorila das costas cinza-prateadas que ele nasceu para ser.

Agradecimentos

Meus agradecimentos à talentosa equipe da HarperCollins pela competência e pelo entusiasmo. Um obrigada especial à extraordinária diretora de arte, Amy Ryan; à incomparável Sarah Hoy, pelo design adorável que ela criou para o livro; e à revisora Renée Cafiero, a melhor!

Acima de tudo, fico em dívida com Anne Hoppe, minha notável editora, que tem os ouvidos de uma poetisa, os olhos de uma artista e a paciência de uma professora da pré-escola (e esses são apenas alguns de seus superpoderes). Obrigada, Anne, por tudo. Eu não conseguiria ter escrito este livro sem você. De verdade.

Aos meus pais, Roger e Suzanne; meus irmãos, Stu, Martha e Lisa; minhas queridas e antigas (mas não tão velhas assim!) amigas Lisa Leach e Suzanne Hultman: sei que tenho sorte por tê-las em minha vida.

E a Júlia, Jake e Michael: os humanos têm tantas palavras, muito mais do que realmente precisam. Ainda assim, não existem palavras para expressar o quanto eu amo todos vocês.